PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Meyre Ivone Santana da Silva

Reinventando Identidades: Gênero, Raça e Nação na Literatura de A.A.Aidoo

MESTRADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO

2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Meyre Ivone Santana da Silva

Reinventando Identidades: Gênero, Raça e Nação na Literatura de A.A.Aidoo

MESTRADO EM HISTÓRIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História Social sob orientação da Profa.Dra. Maria Odila Leite da Silva Dias.

SÃO PAULO

2007

Banca Examinadora

_____

_____

_____

Agradecimentos

Dedico meus sinceros agradecimentos:

– à Profa. Dra. Maria Odila Leite da Silva Dias, pela orienatação e incentivo;

– à equipe do Departamento de História da PUC-SP pela ajuda em diversos momentos;

– à Capes, pela apoio financeiro para realização deste trabalho;

– aos colegas do Mestrado em História Social;

– ao meu esposo Sérgio, compaheiro que sempre esteve ao meu lado durante toda esta trajetória;

– a Aman que nos seus primeiros anos de vida concordou em dividir sua mamãe com o computador.

Resumo

Este trabalho pretende analisar a expressão literária feminina africana como contribuição significativa para uma alteração no panorama da literatura dos países africanos de expressão inglesa. As obras destas escritoras contribuem para o processo de reescritura da história e reconstrução da imagem das mulheres nas sociedades africanas. Ama Ata Aidoo é uma destas mulheres que contribuem para a formulação de uma teoria feminista africana. As femininstas africanas lutam contra os poderes neocoloniais e as estruturas tradicionais que funcionam como montanhas na vida das mulheres.

palavras-chave: *África, feminismo, colonialismo, tradição, literatura feminina africana, Ama Ata Aidoo, reescritura da história.*

Abstract

This paper intends to analyse the African female literary expression as a significant contribution to an alteration in the literary scenario of the Anglophone African countries. African female writers works contribute to the process of history rewriting and the reconstruction of female images in the African societies. Ama ata Aidoo is one these women writers that contribute to the development of an african feminist theory. African feminists fight against neocolonial powers and tradional structures that constitute some mountains to women lives.

keywords: *Africa, feminism, colonialism, tradition, African female literature, Ama Ata Aidoo, history rewriting.*

Introdução

> A historiografia feminista ... tem seu caminho metodológico aberto para a possibilidade de construir as diferenças e de explorar a diversidade dos papéis informais femininos... Este propósito implica pôr de lado quase tudo o que existe como dado na historiografia atual, que em geral reflete o projeto das elites dominantes. Este projeto dificilmente coincide com a vivência concreta dos indivíduos, principlamente quendo se trata de mulheres ...
>
> Maria Odila Leite Da Silva Dias[a]
>
> [a]Em Questão de Gênero, p.49

O desejo de trabalhar com a literatura feminina africana surgiu quando vivi em Londres e tive a oportunidade de fazer vários cursos naquela cidade, inclusive um curso de escrita criativa. Este curso foi ministrado em uma comunidade negra e o professor sempre nos presenteava com textos escritos por autores caribenhos e africanos. Neste curso foram germinando as primeiras sementes que dariam seus frutos alguns anos mais tarde. Porém, além

das aulas, o que me ajudou muito foi ter vivido naquela cidade, onde fiz amigos, tive amigas africanas que cuidavam de meu cabelo e contavam-me suas histórias. Neste período, eu já havia lido as obras de algumas autoras africanas, inclusive Ama Ata Aidoo. E sempre estive de ouvidos bem abertos para todas aquelas histórias, enquanto amiga, ouvia, sorria, e chorava, enquanto pesquisadora, tentava fazer o cruzamento das experiências daquelas mulheres com as vividas pelas personagens de Aidoo.

Foi neste contexto que comecei a construir a idéia de estudar a história destas mulheres através da literatura. Não sabia muito bem como fazê-lo. Quando voltei ao Brasil tomei a decisão de candidatar-me ao mestrado em História Social da PUC São Paulo. E, tive a certeza de que estava no caminho certo.

Porém, um entrave surgia no meu caminho. Como estudar história através da literatura? Os debates acalorados de sala de aula iluminaram meu caminho. Ouvi com bastante respeito a diversidade de opiniões e fui confrontada diversas vezes por alguns colegas historiadores que defendiam a dicotomia história/literatura, verdade/ficção, real/imaginário.

A dicotomia literatura/história, verdade/ficção sempre foi uma pedra no caminho de literatos e historiadores tentando defender a todo custo a autonomia de seus campos de estudo. Mas, percebemos na transição do século XX para o XXI, período marcado pela crise dos paradigmas de análise da

realidade social, a perda da crença nas verdades absolutas, legitimadoras da ordem social. Isto levou muitos historiadores, cientistas sociais e literatos a trabalharem dentro de uma certa interdisciplinaridade.

Para alguns historiadores o que mais importa é a veracidade dos fatos, esquecendo-se de considerar que a descrição dos fatos costuma envolver uma constante interpretação, e nessa interpretação muitas vezes estão embutidos preconceitos de raça, classe e gênero. (Delacastagnè, 2001).

Podemos dizer que por detrás desta busca pela verdade,a partir de uma interpretação supostamente neutra dos fatos, os historiadores, muitas vezes, disseminaram estereótipos, reforçando preconceitos e contribuindo para a exclusão dos diversos *Outros* de suas narrativas históricas.

Ao propor fazer pesquisa histórica utilizando a literatura, não pretendo utilizar o enredo literário como uma verdade, também não é isso que importa quando se propõe um estudo deste tipo. Não é o real ou o apego a realidade que direciona esta pesquisa mas, a possibilidade de lançar um outro olhar sobre a história, no intuito de desvelar e reconstruir as histórias daquelas que foram excluídas da História Oficial. E as narrativas escritas por mulheres africanas têm nos dado esta possibilidade.

Portanto, a partir de alguns textos de Ama Ata Aidoo da coleção *No Sweetness Here* (1970) e do romance *Changes* (1991), pretendo focalizar seu questionamento ao autoritarismo do patriarcado africano, e a interferência

do colonialismo na vida feminina. A partir de sua crítica, perceberemos seus primeiros passos em direção à elaboração de uma teoria feminista africana.

Neste trabalho não deixarei de considerar que a literatura *"... guarda as relações mais estreitas com questões de poder social"* (Eagleton, 2003:30). Poder de construir e fabricar o *Outro*, e, principalmente o de resistir e opor-se a estas construções. Durante o século XIX alguns textos funcionaram como veículo para a dominação imperial, através da representação do nativo como o bárbaro ou incivilizado. A partir da segunda metade do século XX, outros textos foram utilizados como veículo de resistência ou oposição. Neste caso investigaremos a literatura de oposição de Ama Ata Aidoo como um meio de resistir às crueldades coloniais e à opressão imposta por algumas práticas tradicionais, que por sua vez foram reiteradas pelos movimentos revolucionários e nacionalistas no período de descolonização das colônias britânicas em África na segunda metade do século XX.

Quando o império britânico invadiu e dominou terras estrangeiras, destruindo comunidades, matando e capturando nativos, não usou apenas a força militar e política, também utilizou os mais diversos textos. Desta forma, podemos dizer que o imperialismo também é algo simbólico, isto é, da esfera da representação mental. Se por um lado, é óbvio que os impérios foram formados através da força militar, partindo da destruição de comunidades e de seus sistemas econômicos, além da incessante busca por riquezas, por

outro, pode-se afirmar que os mesmos impérios estabeleceram-se através de uma forma menos óbvia, sua hegemonia também foi imposta através de várias formas simbólicas e culturais. De maneira tão eficaz quanto a linguagem oral, a literatura criou canais para a imposição de ideais colonialistas. E através dos diversos contos, memórias, novelas, histórias de aventura, e poesia, a metrópole enviava a visão de mundo que deveria ser consolidada nas colônias.

Segundo Terry Eagleton, o sentido moderno da palavra literatura só começa a surgir de fato no séc XIX com o que conhecemos como período romântico. Neste período, a literatura tornou-se sinônimo do imaginativo ou da escrita criativa. A era do estabelecimento do inglês e o nascimento do romance coincidem com o auge do imperialismo britânico. (Eagleton,2003). A tendência deste gênero imperial é construir um sujeito que aniquila o *Outro*, ou seja, aquele que não compartilha do gênero, raça ou classe deste sujeito universal. Na escrita colonial, o *Outro* é visto sob o prisma do degenerado, indolente, preguiçoso, sendo o colonizador retratado como inteligente ou trabalhador árduo. O romance, através do despretensioso objetivo de entreter, reitera o poder colonial, e a partir dele o discurso colonialista pode ser melhor entendido. O discurso colonialista pode ser definido como uma prática de eventos simbólicos, incluindo textos, convenções e significados implícitos que a Europa implementou durante o processo de expansão colonial, com o intuito de entender o bizarro e ininteligível. E, através deste discurso, a

Europa desnudava o Outro ao mesmo tempo em que garantia sua autoridade.

Podemos afirmar que o Estudo da Literatura Inglesa nas colônias foi acima de qualquer outra coisa, primordialmente político. A disseminação da disciplina acadêmica esteve a serviço de um imperialismo. Assim como a Monarquia estava ao centro no campo político, a literatura ocupou o papel central no campo cultural. Bill Aschcroft afirma que a força e o desenvolvimento do império esteve completamente relacionado ao estudo da literatura, por isso o ensino de inglês foi utilizado com o propósito de levar o colonizado a naturalizar valores como civilização e humanidade, relacionados ao branco ocidental, enquanto selvagem e primitivo estariam sempre relacionados ao nativo, sua antítese (Ashcroft, 1989). Portanto, as histórias, aparentemente ingênuas, foram tão cruéis quanto as armas. Através da escrita, os britânicos formularam uma estratégia de negação, concebendo o *Outro* como ausência, vazio ou morte (Spurr, 1993).

Quando lemos as obras escritas por H.Rider Haggard, Rudyard Kipling, e Joseph Conrad, geralmente nos deparamos com terras exóticas, nativos estranhos e um imenso desejo dos autores de mostrar ao público da metrópole um pouco das possessões da Inglaterra em terras estrangeiras.O célebre romance de Conrad, *Heart of Darkness*(1899) tem sido muito usado como exemplo desta literatura colonial, pois mesmo com a pretensão de denunciar as atrocidades cometidas pelo rei Leopold no Congo, Conrad não consegue es-

capar da representação de um continente africano cheio de mistérios e de uma natureza selvagem. Apesar do leitor na metrópole devorar tais obras e deleitar-se com as aventuras ambientadas em um mundo estranho, a intenção dos autores ia um pouco além do simples entretenimento, já que muitos deles participaram diretamente do projeto colonial, como foi o caso de Haggard, enviado à África do Sul como membro de uma comissão administrativa. É de se ressaltar que uma obra escrita por um membro da administração colonial estivesse repleta de ideologia colonial, como é o caso de *She*, obra escrita por Haggard, em 1896. Toda a ficção do século XIX estava implicitamente impregnada da ideologia colonial. E, apesar dos romances de Jane Austen, Charlotte Brönte, Charles Dickens, e George Eliot focalizarem a sociedade britânica, as colônias geralmente têm um papel crucial nestes textos. Há explicitamente, em muitos destes romances, a idéia de que nas colônias a natureza é selvagem, os povos incivilizados, e que o homem branco carrega um grande fardo, o de esforçar-se para civilizar estes povos.

Firdous Azim ressalta que no terreno discursivo, a novela tem o mesmo ideal do Iluminismo, ou seja, a construção de um sujeito unificado que tem o poder de apagar todos os outros. *"It is part of a discursive terrain in which the ideal, unified Enlightenment subject is placed, where a fantasy of unity is created by the invocation and subsequent obliteration of the Other subject, differentiated by class, race and gender"* (Azim,1993:8). Azim exemplifica

usando Jane Eyre(1847), novela de Charlotte Bronte. Segundo ele, as personagens femininas de Jane Eyre são construídas em detrimento de outros sujeitos que não têm a mesma raça ou classe das personagens. Jane Eyre, a figura central é oposta a Bertha Mason, uma outra figura feminina cuja existência foi determinada pelo processo do imperialismo.

Apesar da evidência de uma ideologia colonial impregnada nos textos do século XIX, na primeira metade do século XX, ao falar de colonização e imperialismo britânico, os estudiosos da literatura inglesa consideraram apenas os romances explicitamente coloniais. É apenas na segunda metade do século XX que começa a surgir um grande interesse na investigação da ideologia colonial na literatura e na cultura do século XIX como um todo. Esta mudança de foco tem relação com o contra-discurso, elaborado pelos nacionalistas, nas colônias no período pós Segunda Guerra Mundial, quando alguns intelectuais nacionalistas como Chinua Achebe, Ngugi Wa Thiong, Frantz Fanon, entre outros, começam a publicar suas obras, tendo a colonização da cultura como carro-chefe de seus discursos.

Um dos grandes críticos da colonização foi o psiquiatra caribenho Frantz Fanon e suas idéias revolucionárias influenciaram muitas obras dos nacionalistas de sua geração. *Peles Negras, Máscaras Brancas*(1952), e *Os Condenados da Terra*(1961) foram suas grandes obras que marcaram o período. Em *Peles Negras, Máscaras Brancas*, Fanon sugere que o homem negro

deve libertar-se do arsenal de complexos desenvolvidos no ambiente colonial. Fanon foi psiquiatra na Argélia e esteve em contato direto com portadores de doenças psicológicas criadas pelos abusos do sistema colonial, utilizando teorias psicanalíticas para entender a máquina do colonialismo e ajudar os colonizados a libertar-se de todas as formas de dominação colonial, não apenas a política, mas também a dominação cultural, histórica, e psicológica. Sua ênfase foi na análise da psique e subjetividade dos colonizados. Segundo ele, a psique do colonizado é distorcida, por isso ele não consegue entender o que está se passando, pois sua subjetividade foi destruída. Desta forma, o colonialismo deve ser encarado como uma doença psicopatológica que distorce as relações humanas. Em *Peles Negras Máscaras Brancas* ele descreve a esquizofrenia como aniquilação do sujeito, sendo assim, o homem negro tenta lidar com esta situação, adotando máscaras brancas que de alguma forma farão sua negritude esvair-se. Em *Os Condenados da Terra*, o autor afirma que o colonialismo não está satisfeito em fisgar o colonizado e esvaziar sua mente de toda forma de conteúdo, mas, a partir de uma lógica perversa, ele se apropria do passado destes povos, distorcendo-o, desfigurando-o e destruindo-o. O autor não foi apenas um intelectual, um teórico, um médico, ele tornou-se um revolucionário, decidindo convidar outros intelectuais a tomar parte na luta armada, defendendo a violência e segundo ele, só a partir dela seria possível libertar-se dos poderes coloniais. O autor morreu

de leucemia, antes da independência da Argélia. No entanto, podemos ouvir os ecos de sua teoria em muitas obras escritas neste período, inclusive nas obras de Chinua Achebe, Ngugi Wa Thiong O e Ama Ata Aidoo.

A crítica sobre a colonização reaparece em 1978, quando um palestino fez uma exaustiva e erudita análise a respeito da construção ocidental do *Outro*. Em Orientalismo, Edward Said argumenta que a representação do Oriental funciona como uma forma de controle ideológico, permitindo ao ocidente criar uma série de oposições maniqueístas entre colonizador e colonizado, com o intuito de facilitar e justificar o projeto colonial. O *Orientalismo* de Said nos leva a crer que toda ciência está contaminada, toda estrutura do conhecimento está comprometida, ou seja, todo o conhecimento produzido durante séculos no ocidente sempre teve uma relação com o Estado e com as práticas políticas, tanto no próprio país quanto nas colônias. Sendo assim, o Oriente foi produzido a partir de uma visão política da realidade, promovendo uma oposição binária entre o Ocidente e o Oriente, onde a Europa era a própria civilização, na qual primava a ética, o trabalho e o controle das emoções e o *Outro*, o *Oriente*, era sexual, sensual, preguiçoso e estático. Para os críticos de Said, sua teoria nos deixa, de alguma forma, encapsulados, sem saída, sem possibilidade de construção de um outro tipo de conhecimento. Algumas destas criticas partiram de Homi K. Bhabha, um intelectual indiano que se tornou um dos grandes nomes dos estudos pós-coloniais. Segundo

Bhabha, Said ignora a auto-representação do colonizado, enfatizando a imposição do poder colonial e ignorando as mais diversas formas de resistência, promovendo assim um modelo estático das relações coloniais, onde apenas o colonizador tem posse do discurso e do poder colonial. Bhabha argumenta que na teoria de Said não há saídas, espaços para negociações ou mudanças. Contrariando as formulações de Said, Bhabha vê o sujeito colonial como objeto de opressão e domínio, mas também sujeito de paranóia e fantasia, criando uma situação de ambivalência no mundo colonial. Segundo Bhabha, as relações no mundo colonial extrapolam as oposições binárias propostas por Fanon e por Said. Bhabha através de suas obras, *Nation and Narration* (1990) e *O Local da Cultura* (1991 influenciou os mais diversos estudos sobre a colonização, introduzindo termos como hibridismo, ambivalência, mímica, instabilidade, entre outros. As obras de Homi Bhabha consolidaram o campo de estudos conhecido como Estudos Pós-Coloniais, causando um alvoroço nas universidades ocidentais. Sob o rótulo de Estudos Pós-Coloniais, as literaturas escritas nas colônias britânicas passaram a fazer parte dos currículos dos vários departamentos de Ciências Humanas nas universidades metropolitanas. A literatura africana escrita em língua inglesa ganhou mais amplitude a partir das várias análises nos grandes centros. Através das obras destes autores, abre-se a possibilidade de ler outras histórias, as histórias que foram excluídas da História Oficial.

Neste contexto também surge o interesse de mulheres africanas e ocidentais em resgatar uma escrita feminina no continente africano, de certa forma negligenciada pelos nacionalistas e pela academia ocidental. Começam então a surgir trabalhos acadêmicos, a respeito das obras escritas por Ama Ata Aidoo, Buchi Emecheta, Tsitsi Dangaremba, Yvonne Vera, Flora Nwapa, entre outras. E a partir daí, o que passamos a entender como Feminismos Pós-Coloniais. O principal objetivo destes trabalhos é trazer à tona as vozes destas mulheres que foram por muito tempo representadas e se ouvimos algo a seu respeito foi através dos diversos intermediários.

Ouvir o que estas mulheres têm a dizer é um momento de descoberta e deleite, pois há tanto tempo somos bombardeados com representações de mulheres africanas ou afro-descendentes nos ensaios historiográficos ou literários como seres sensuais, sexuais, ou maternais. Ainda temos um registro em nossa memória da história de Saartjie Bartman, conhecida como a Vênus de Hotentote que teve sua genitália exposta em Londres em 1810, e após as inúmeras análises cientificas morreu aos vinte e oito anos?(Gilman,1985). Bartman foi objeto de especulação científica, procurava-se provar sua diferença através do tamanho dos seus órgãos genitais. Aquele ser estava muito distante dos conceitos do feminino e do belo relacionados à mulher ocidental.

Se por um lado, fomos ensinados a ver estas mulheres como seres sexualizados, também aprendemos a reconhecê-las como incansáveis trabalhadoras

que cuidam dos filhos, da casa, aram a terra, sem titubear ou reclamar. E foi contra o discurso da mulher forte, que a escrava alforriada Sojourner Truth lançou sua célebre pergunta - *E eu não sou mulher?* Sojourner sentia-se diferente, pois executava serviços pesados, apenas destinados aos homens. Que tipo de mulher era aquela? O questionamento desta escrava ecoou por muito tempo nas mentes de tantas feministas e ativistas. *E eu não sou mulher?*

A autora questiona o tratamento que recebe em relação às outras mulheres. Por que ela poderia carregar mais peso que os homens, trabalhar mais, que tipo de mulher era aquela? Sojourner Truth argumenta que as mulheres brancas lutam pelos direitos das mulheres, bem como os homens negros reclamam os direitos dos negros. E os direitos dela? Onde Sojourner seria incluída? Ou suas questões seriam excluídas de ambas as agendas. Ela foi uma das primeiras mulheres negras no Estados Unidos a falar publicamente no inicio do século XIX, reclamando os direitos das mulheres negras e desafiando convenções.

A pergunta dela também ecoou em nossas mentes quando decidimos escrever a respeito das experiências de mulheres no continente africano. Sabemos que estes seres, que fazem parte das mais diversas comunidades étnicas, aglomeradas atualmente nos vários países criados pela colonização européia, também são mulheres. E mesmo sem ter a intenção de criar uma mulher abstrata ou universalizar a experiência das mulheres negras, sabemos que em

quase toda parte os homens obtém privilégios de gênero e mesmo os mais conscientes homens feministas não conseguem abdicar destes mimos nas sociedades patriarcais. Harding,1993).

Mesmo assim, quando nos dispomos a escrever a respeito da experiência feminina no continente africano, sempre estamos muito cautelosas, afinal quem somos nós para falar a respeito de aspectos tão inerentes às diversas culturas e suas inúmeras tradições? Sempre nos deparamos com o entrave de o que pode parecer cruel para nós, pode ser totalmente aceitável para elas. O que podemos entender como dominação patriarcal, elas podem chamar de tradição. Enfim, *" são muitas as dificuldades que se apresentam para as que ousam se enveredar pelos estudos das mulheres em sociedade, pois, trata-se de um terreno minado de incertezas, saturado de controvérsias movediças, pontuado por ambigüidades sutis que é preciso discernir, iluminar, documentar, ... "* (Dias, 1992:39).

Porém quando o silêncio é quebrado, desafiando instituições tradicionais e coloniais, temos pela primeira vez a oportunidade de trazer à luz suas vozes dissidentes e suas histórias excluídas, dando visibilidade a estas mulheres, promovendo um espaço de descoberta, e deleite. Nosso propósito é ouvir a voz de Ama Ata Aidoo, pois já lemos e relemos sobre a colonização do continente africano e o período pós-independência, mas nosso conhecimento sempre esteve embaçado por lentes androcêntricas e eurocêntricas . E através

delas aprendemos a enxergar estas mulheres como elemento secundário, por detrás das cortinas.

A escrita de Ama Ata Aidoo desvela o que sempre foi tido como intocável e através das mais banais situações cotidianas, a autora perscruta o psicológico, revelando o quanto o cultural é também político. Percebemos a obra desta autora como um meio de reescrever e reinterpretar a experiência feminina em Gana- África, uma forma de passar a limpo a história escrita pelo colonizador europeu e pelos nacionalistas e revolucionários africanos. As histórias de Aidoo estão ambientadas em Gana, mas percebemos que a autora utiliza-se deste contexto para pensar na situação feminina nas sociedades africanas pós-coloniais.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo o foco será o sujeito que interpreta a situação feminina, escreve e denuncia. E o surgimento de uma escrita feminista africana que pode ser vinculada aos feminismos pós-coloniais. A autora constrói personagens que preenchem as lacunas deixadas por seus porta-vozes, narrando as histórias, até aí, mal contadas e revelando segredos, denunciando, criticando e reivindicando, mas acima de tudo desafiando as instituições e assumindo um lugar de poder na sociedade. Neste capítulo discutiremos um pouco da Aidoo feminista, que decide escrever porque acredita na mudança de status das mulheres no seu país ou no continente. A autora critica um feminismo ocidental que

centraliza sua análise na opressão do patriarcado, desconsiderando outros níveis de opressão, por exemplo o racismo, ou a condição de desigualdade social no Terceiro Mundo. Por outro lado,ela defende os ideais nacionalistas, mas questiona um nacionalismo cúmplice de ideologias patriarcais.

No segundo capítulo, o foco será as implicações da colonização britânica na vida das mulheres de Gana e na crítica da autora ao discurso colonialista e à interferência ocidental no continente africano. Começarei este capítulo tazendo à tona a discussão a respeito das contradições em torno do uso da língua inglesa nas nações africanas pós-coloniais. Este tema foi amplamente debatido pelos nacionalistas no período das independências das colonias. O que fazer com a herança linguística do colonizador era a principal preocupação, pois a língua não era apenas um meio de comunicação, mas, uma forma de imposição da cultura dos colonizadores. Alguns autores vêem a língua estrangeira como um meio de agregar os diversos povos, das diversas etnias na constituição de uma nação. Neste caso, a língua inglesa seria o único meio de comunicação entre sí, o idioma deveria ser utilizado como um elo entre estes povos. Para outros autores, a língua estrangeira deveria ser completamente abolida e esta atitude significaria uma forma de resistência e rejeição ao sistema colonial. Através da história de Esi Amfoa, Aidoo insere na discussão o problema das mulheres idosas do grupo matrilinear Akan que perdem poder porque resistem a imposição linguística e são rejeitadas

por uma sociedade que passa a desconsiderá-las. Através do dilema da avó Esi Amfoa, Aidoo nos revela um pouco de sua angústia ao escrever em um idioma que é compartilhado por poucos. A escritora, através da língua inglesa alcança um público distante, mas não é entendida por aquelas que estão próximas, as mulheres da sociedade ganesa pós-colonial. Na segunda parte do capítulo, o foco será uma outra personagem que luta contra a dependência cultural. Sissie, uma ganesa formada em economia em Londres, volta a Gana e questiona a interferência colonial na percepção de beleza feminina no país. Ela observa as mulheres ganesas tentando aproximar-se do padrão de beleza da mulher européia e inicia a discussão a partir de um elemento bem presente no cotidiano destas mulheres: a peruca. A protagonista vai além e também comenta a respeito de cremes que deixam a pele mais clara. É importante perceber que Sissie coloca-se em uma posição de alertar aquelas mulheres para uma outra forma de dominação, a dominação cultural, psicológica ou emocional.

No terceiro capítulo focalizarei a crítica da autora ao autoritarismo do patriarcado africano, quando constrói personagens aptas a subverter e reinventar algumas práticas tradicionais, como sujeitos de suas histórias e com a liberdade de escolha. Através da personagem Mami Ama do conto *No Sweetness Here*, a autora traz um outro ponto de vista a respeito da figura materna, símbolo de fertilidade, poder, vitalidade na retórica nacionalista.

Longe de serem encaradas como símbolo de poder, força ou vitalidade, as mães sofrem o peso da tradição sendo forçadas a entregar os filhos à família do marido no caso de divórcio, independentemente do motivo deste. A partir de suas personagens, Aidoo desconstrói a idéia da mãe mitificada pelos nacionalistas, suas personagens optam por não terem ou terem poucos filhos, fazendo pouco caso dos rótulos de bruxas e de inférteis. Há ainda a discussão em torno das relações poligâmicas que foram reinventadas no contexto pós-colonial. Esi Sekyi, personagem de *Changes* também tem conhecimento do valor das mães nesta sociedade, mas prefere renunciar a este papel em troca da liberdade de escolha. Assim como a maternidade, Aidoo reflete a respeito da poligamia em um contexto pós-colonial, pois se a instituição tinha um lugar nas sociedades pré-coloniais, aos poucos passa a modificar-se e as mulheres precisam escolher se aceitam ou não a instituição.

Sumário

1 Feminismo x Nacionalismo: Aidoo Protagonizando a História 2

1.1 Nacionalismo Excludente x Feminismo Importado 10

1.2 A Necessidade de uma Teoria Feminista Africana 25

2 A Luta de Sissie e Esi Amfoa contra a Dependência 31

2.1 Esi Amfoa Resistindo ao Imperialismo 32

2.2 A luta de Sissie Contra a Dependência 53

3 Relações de Gênero e Reconstrução de Identidades 73

3.1 A Dor de Maami Ama 75

3.2 O Divórcio de Esi e a Crise de Identidades 82

3.3 Pensando a Poligamia no Contexto Pós-Colonial 87

Bibliografia 93

Capítulo 1

Feminismo x Nacionalismo:

Aidoo Protagonizando a História

> . . . how more loudly should I
>
> declare my feminism?
>
> Ama Ata Aidoo[a]
>
> [a]Em entrevista a Maria Frias.

> But, underlying everything, has
>
> been this concern for the
>
> African revolution. . .
>
> Ama Ata Aidoo[a]
>
> [a]Em entrevista a Adeola James.

Ama Ata Aidoo é uma escritora que tem transitado pelos mais diversos gêneros literários, sendo poeta, dramaturga, contista e romancista. Nascida em Gana em 1942, filha e neta de chefes tribais na cidade de Abeadzi Kyiakor, foi uma mulher privilegiada, pois ao fazer parte de uma elite, teve a oportunidade de estudar nas melhores escolas do país, graduando-se na Universidade de Gana, localizada em Legon. Suas obras publicadas incluem duas peças, *The Dilemma of a Ghost* (1965) e *Anowa* (1969); duas coleções de contos, *No Sweetness Here* (1970) e *The Girl Who Can and Other Stories*; dois romances, Our Sister Killjoy (1977) e *Changes* (1991); e uma coleção de poemas intitulada *Someone Talking to Sometime* (1985). Desde a publicação de suas primeiras obras na década de sessenta, Aidoo tornou-se uma figura importante nas lutas pela independência de Gana dos poderes coloniais e neocoloniais. Aidoo revela sem constrangimentos seu envolvimento com as lutas nacionalistas e com o movimento Pan-Africanista.

O movimento defendia a solidariedade racial, o fim da supremacia da raça branca e da dominação imperialista. O movimento celebrava a negritude como um traço cultural, racial distinto. Um dos seus grandes líderes foi o primeiro presidente de Gana Kwame Nkrumah. Nkrumah, como os intelectuais do Negritude, ao contrário de Fanon, não defendia a violência para alcançar a independência e a descolonização da cultura.

O primeiro congresso pan-africano foi em 1900 e clamava por direitos

iguais para africanos e seus descendentes.Outro congresso aconteceu em Versalhes e tinha como propósito clamar por direitos de participação política nas diversas nações. Foi no congresso de 1945, portanto, a primeira vez que se falou claramente em independência para as nações africanas. Havia um compromisso com o coletivo, uma proposta de união dos povos africanos, e uma forte ênfase na recuperação da herança cultural africana. Após a independência de Gana o presidente Kwame Nkrumah organizou duas conferência pan-africanistas em Accra, a primeira em abril de 1958, Conferência dos Países independentes e a segunda em dezembro do mesmo ano,a conferência entre todos os paises africanos. As conferências tinham por objetivo estabelecer pontes políticas entre os diversos países africanos. Os integrantes do movimento também se declararam contra o Apartheid na África do Sul.

Devido a esta influência do pan-africanismo, Aidoo envolve-se na luta comum dos negros em África e na diáspora contra a miséria, opressão e racismo, passando a ser uma das poucas mulheres africanas que trazem para a narrativa o tema do comércio de escravos. Seus trabalhos tornam-se um sítio de denúncia das injustiças sociais, da corrupção e da hipocrisia da burguesia nacional em uma Gana pós-independente. Portanto, não nos surpreendemos ao saber que a autora esteve diretamente envolvida na política de país, sendo convidada por Jerry Rawlings para ser Ministra de Educação em seu governo.

John Jerry Rawlings, liderando oficiais militares jovens e oficiais do Con-

selho Revolucionário das Forças Armadas, (ARFC), promoveu um violento golpe ao governo de Kwasi Akuffo em 04 de junho de 1979. O ARFC executou oito oficiais militares veteranos,incluindo ex-chefes de estado como Acheampong e Akuffo. Foi então estabelecido um Tribunal Especial julgando dezenas de oficiais, oficiais do governo e civis envolvidos em corrupção. Estes foram sentenciados com longas prisões e seus bens confiscados. O AFRC aceitou com poucas emendas, o rascunho da constituição que tinha sido submetida, permitiu a eleição presidencial já agendada para junho e julho, promulgou a constituição, cedendo o poder ao novo presidente eleito e o parlamento da Terceira Republica em 24 de setembro de 1979.A constituição de 1979 promoveu a separação dos poderes, um presidente eleito, um parlamento unicameral, um judiciário independente chefiado pele Suprema Corte, protegendo direitos individuais e instituições autônomas, como a Comissão Eleitoral. O novo presidente, Dr Hilla Limann, era um diplomata de carreira, candidato do PNP (partido popular nacional), herdeiro político do CPP de Nkrumah, dos 140 membros do parlamento, 71 era do PNP. O governo do PNP respeitou a constituição, a democracia e os direitos humanos, mas não conseguiu solucionar os problemas econômicos, a corrupção, e a imensa lacuna entre ricos e pobres não parava de alargar-se. Em Dezembro de 1981, Jerry Rawlings e alguns ex soldados planejaram um golpe, retirando o presidente Limann do poder. Rawlings suspendeu a constituição de 79, demitiu o presidente e seu

gabinete ministerial, dissolveu o parlamento e baniu os partidos políticos existentes. Foi estabelecido o PNDC, Conselho de Defesa Nacional Provisional, inicialmente composto por 7 membros, com Jerry Rawlings como presidente, exercendo poderes do executivo e legislativo.O sistema judiciário foi preservado, mas o PNDC criou o Comitê de Investigação Nacional para eliminar a corrupção, além de um comitê encarregado de punir sonegadores de impostos e um tribunal publico para julgar diversos crimes.

Aidoo não apenas narra histórias em Gana, mas faz mais que isso, teoriza, inscrevendo-se como uma das precursoras de uma teoria que visa considerar a experiência feminina no continente africano. Desta maneira, comprometendo-se a participar de um debate mais amplo, ao utilizar sua obra literária como um meio de intervenção na ordem social vigente e de reconstrução do espaço de poder feminino na sociedade ganesa pós-colonial.

Segundo ela, a presença feminina é primordial neste processo de desenvolvimento. Não foi suficiente a simples inversão de papéis, ou seja, de homens europeus por homens africanos como propagou a retórica nacionalista. A obra de Aidoo pode ser concebida como um germe de um Movimento de Mulheres no continente africano, um movimento que tem compromisso com uma teoria ativa, cujo principal objetivo é promover uma mudança na situação feminina naquele contexto. Portanto ao mesmo tempo em que faz literatura, analisa a sociedade e teoriza, como afirma Barbara Christian,

> As pessoas de cor teorizam mas de forma bastante diferente do modelo ocidental de lógica abstrata. Inclino-me até a afirmar que o nosso teorizar aparece freqüentemente em nossas narrativas, nas histórias que criamos, em adivinhações e provérbios, nos jogos de linguagem, já que o dinamismo de idéias parece nos agradar mais do que qualquer rigidez. Se não fosse assim, como teríamos conseguido sobreviver com tanta inspiração a ataques aos nossos corpos, nossas instituições sociais, nossos países, nossa humanidade, enfim? E as mulheres, pelo menos as mulheres em torno das quais cresci, sempre refletiram sobre a natureza da vida através de uma linguagem vigorosa, que desmascarava as relações de poder em seus mundos (Christian,2002)

Carole Boyce Davies também argumenta que na escrita das mulheres negras é, de certa forma, inviável fazer esta separação entre escritora/teórica, pois estas obras são ao mesmo tempo escrita criativa e teoria, literatura e análise.

> So, for Black women's writing, . . . it is premature and often useless to articulate the writer/theorist split so common in European discourses, for many of the writers do both simultaneously or sequentially. If we define theory as frames of intelligibility by

> which we understand the world, and not as a reified discourse used to locate, identify and explain everything else, then we have to pursue critically how we theorize (Davies ,1994:35).

Ama Ata Aidoo sem constrangimentos declara-se uma nacionalista, uma pan-africanista mesmo com todas as complicações que isto possa ter para uma mulher que também se declara uma feminista. Para Aidoo, estas categorias não se excluem. As lutas para liberação feminina não devem estar subordinadas às lutas antiimperialistas, mas aquela deve ser uma parte intrínseca destas. E, ao mesmo tempo em que abraça um nacionalismo e sonha com a reconstrução das nações africanas, o rejeita, pois o projeto de nação traz em seu bojo uma retórica masculina que reitera a autoridade patriarcal.

O feminismo, defendido pela autora, repudia uma teoria feminista, que priorizou as experiências das mulheres ocidentais em detrimento das mais diversas *Outras*. Posto assim, afirmamos que a partir das histórias das suas personagens, a autora une-se a outras mulheres no intuito de formular uma teoria que dê visibilidade às questões femininas no continente africano. Esta é a singularidade desta teoria desenvolvida pelas mulheres no continente africano, uma teoria que denuncia o privilégio do patriarcado, bem como seus novos poderes criados ou ampliados pelo sistema colonial, mas também sugere uma união entre homens e mulheres para superar os problemas que

atingem as nações africanas. Como afirma Davies,

> Inevitably, the question of nation reconstruction along more egalitarian lines enters and has to be hinged to women's lives in African nations(Davies,1986:8).

Por isso, suas personagens são ambivalentes, fragmentadas, buscando um espaço entre dois mundos: o masculino e o feminino, o africano e o ocidental, ou melhor, as angústias de suas personagens refletem os sentimentos contraditórios da própria escritora que entre um nacionalismo excludente e um feminismo importado, negocia, reinventando categorias e tornando-se uma das precursoras de uma teoria feminista africana.

1.1 Nacionalismo Excludente x Feminismo Importado

> They didn't come to understand us and definitely had very negative results and effects on contemporary African women. Ours has been the double quarrel. Not only as Africans but as women. Colonised by the coloniser, then by our men, with their new power
>
> Ama Ata Aidoo[a]
>
> [a]Entrevista concedida a Adeola James

A Aidoo nacionalista é consciente da devastação causada pelos poderes imperiais, pregando uma resistência e uma união entre homens e mulheres que foram subjugados, tornando-se objetos da história. Seu discurso nacionalista está impregnado em suas narrativas, em suas entrevistas e ensaios. E esta veia nacionalista está muito presente nas histórias da coleção de contos *No Sweetness Here*, publicada em 1970, quase duas décadas depois da independência de Gana e quatro anos após o golpe sofrido pelo primeiro

presidente Kwame Nkrumah. Nas histórias da coleção, Aidoo descreve Gana como um país devastado pelo imperialismo europeu, entrando em uma nova fase, desta vez, sendo esmagado pelo neocolonialismo. A autora vê sua nação como um país que vive com uma tecnologia de segunda mão, imerso em corrupção, onde uma elite ganesa substituiu os colonizadores, mas a maioria da população permanece na miséria. Apesar da autora retratar este período com indignação e frustração, ela traz histórias de mulheres que desafiam a ordem vigente, subvertendo o colonialismo. Suas personagens, Maami Ama, Setu, Esi Amfoa, Esi Seky, entre outras lutam contra o imperialismo, trazendo à luz como estas questões atingem a vida feminina em Gana.

Mas, no centro de tudo está a própria Ama Ata Aidoo como uma das personagens da história do período pós-independencia. Ela participou das lutas nacionalistas sonhando com um país e com a construção de uma nação. Esta seria a forma dar um sentido ao que foi inventado pelo sistema colonial.

Aidoo engajou-se no movimento pan-africanista e também viu em Kwame Nkrumah um líder e uma possibilidade de mudança, compartilhando o sonho de uma África unida em torno de uma luta contra a pobreza, o racismo e a exploração. Mas, depois do golpe financiado pelos EUA veio a desolação e a angústia de uma jovem que acreditou em algum momento em uma transformação. E, quando há uma consciência de que os problemas com a dependência econômica são estáveis e o que houve não foi uma independência de

fato, mas, uma transferência de poder, ouvimos a voz da autora perguntando qual o significado de independência. Para Aidoo, as coisas estão viradas de cabeça para baixo e o trabalho que antes era feito pelo colonizador, passou a ser feito por gente de casa, pelos próprios ganeses, por uma elite colonizada. Bill Ashcroft salienta que os colonizadores conseguiram transformar os nativos em mais europeus que os próprios europeus. Neste momento a luta passou a ser contra a dependência cultural; o que fazer com o complexo de inferioridade, o desejo de ser branco, e com aquela língua européia que teria sido empurrada garganta abaixo do nativo, em detrimento de sua cultura, sua língua, suas tradições.

É principalmente a preocupação com a reconstrução cultural que fomenta os movimentos nacionalistas. A personagem Aidoo também inverte a ordem social quando narra suas histórias, preocupando-se com as implicações da colonização britânica na vida feminina, quando todos aqueles que estavam ao seu redor forjavam uma luta masculina, uma resistência de homens nativos contra outros homens, os colonizadores. Naquele contexto, as questões femininas pareciam não fazer sentido, ou talvez fossem algo menor. Era difícil para as mulheres entenderem que quando Frantz Fanon teorizou a respeito dos abusos do sistema colonial e da perda da subjetividade do nativo, do colonizado, ele não considerou devidamente as questões femininas. Por isso, mesmo reconhecendo a influencia do pensamento fanoniano nos seus ideais

nacionalistas, Aidoo não deixa de reconhecer sua pouca atenção às mulheres colonizadas.

Mas, se Fanon desconsiderou as mulheres colonizadas, o que dizer de um outro renomado escritor que se propôs a escrever uma nova história para o seu povo. O nigeriano Chinua Achebe publicou sua obra *Things Fall Apart* em 1958. Esta passou a ser considerada um marco na literatura africana escrita em língua inglesa. O próprio autor declarou ter escrito o romance a fim de dar uma resposta aos colonizadores, reescrevendo uma história que teria sido distorcida ou deturpada. Porém, se Achebe queria iniciar uma nova página na história dos povos africanos, ele conseguiu tal propósito apenas em relação aos homens africanos.

Ama Ata Aidoo, no ensaio, *Unwelcome Pals and Decorative Slaves*, destaca a presença de diversas mulheres em *Things Fall Apart*, que nunca ocupam o centro da narrativa, são sempre personagens periféricos. Aidoo ressalta a posição das mulheres em sua escrita como seres para os homens esnobarem e aterrorizarem, como o faz muito bem o protagonista de Achebe, Okonkwo que por diversas vezes espanca uma de suas esposas, enquanto as outras gritam, morrendo de medo (Aidoo, 1999).

Florence Stratton ressalta, que o escritor Chinua Achebe foi muito bem sucedido no seu projeto de resgatar a dignidade do homem africano, considerando que em *Things Fall Apart* as mulheres representadas por Achebe

não tem nenhuma posição importante na organização sócio-econômica da África pré-colonial, sendo representadas como meros objetos de compra e venda, troca ou deixadas como herança, sendo passadas de pai para filho. Segundo ela, na Umuofia de Achebe, as mulheres foram sistematicamente excluídas da vida pública, dos negócios sociais, políticos ou jurídicos (Straton, 1995).

Ngugi Wa Thiong O, por sua vez, procurou desmitificar o heroísmo dos colonizadores e resgatar a auto-estima do povo africano, partindo da reescritura de alguns textos coloniais. Como um dos líderes da revolução no Quênia, afirmou que os textos colonialistas celebravam as crueldades cometidas sob o sistema colonial. Para ele, textos como *Kenian Diaries* do coronel Meinertzerhagen e *Out of África* da baronesa de Blixen, reforçaram a autoridade colonial, construindo um herói a partir da figura do colonizador, mesmo que este não possuísse tais atributos. Segundo Ngugi, um bom exemplo é uma historia contida nos *Kenian Diaries* a respeito do ato de bravura do coronel Meinertzerhagen. Meinertzerhagen foi um oficial das forças britânicas de ocupação, mas segundo Ngugi deveria ficar conhecido nos escritos históricos como o assassino de Koilatel. Koilatel foi um líder militar e político do povo Nandi que, sob sua liderança, resistiu à ocupação durante dez anos. Como o oficial não conseguiu derrotá-lo, cometeu um ato de traição e covardia. Porém, segundo Ngugi, na literatura inglesa o coronel aparece como

um herói. O ato de covardia denunciado por Ngugi acontece, quando o coronel Meinertzhagen convidou Koilatel para uma trégua em um lugar neutro, onde ambos deveriam comparecer desarmados. Koilatel aceita, mas, quando chega a estender a mão para cumprimentá-lo, o coronel saca uma arma e mata Koilatel a sangue frio. Segundo Ngugi a grande contradição da história é que o incidente sempre aparece como um ato de heroísmo de Meinertzerhagen.

Neste período, Ngugi não apenas desconsiderou a experiencia feminina em suas narrativas, também excluiu completamente a escrita feminina de sua suposta periodização da literatura africana. Em seu ensaio *Writing Against Neocolonialism* (1986)fixou a literatura africana em períodos decisivos, que começaram logo após a Segunda Guerra Mundial, dividindo-se em três estágios - A luta anti-colonial, a independência e o neo-colonialismo. Segundo ele, na primeira fase o escritor faz uma revisão do passado, rejeitando as imagens criadas pelo colonizador. Para Ngugi os trabalhos mais representativos desta fase foram *Things Fall Apart* de Chinua Achebe, *A Dance of the Forests* de Wole Soynka, *The African Child* de Camera Laye e *God's Bits of Wood* de Sembene Ousmane. A literatura produzida nesta época foi baseada nos movimentos nacionalistas e numa estrutura maniqueísta que demonizava o colonizador e criava uma versão idealizada do passado pré-colonial. O homem branco era representado como o mal e o negro como esperança para um futuro idealizado. O que estava sendo celebrado nesta

época era *"was the departure of the white man with the implied hope that the incoming black man, by virtue of his blackness, would right the wrongs and heal the wounds of centuries of slavery and Colonialism"*(Ngugi,1986:4). Muitas vezes a escrita deste período é reducionista, o escritor não analisa a estrutura imperial, concentrando todos os problemas na oposição branco-negro, ou no conflito colonizador-colonizado. A segunda fase seria marcada pelo período pós-independência, quando o escritor lamentava, ameaçava, descrevia uma imagem de um desastre iminente. Para ele, a terceira fase estaria marcada pelo neo-colonialismo, quando o escritor começou a encarar o imperialismo seriamente e assumir a responsabilidade de lutar pela liberação da África. *"He was also against the internal classes, those new companies of profiteers that allied with imperialism"* (Ngugi,1986:14).

O interessante aqui é que Ngugi publica esta obra em 1986, quando muitas autoras africanas já tinham publicado algumas de suas obras, mas elas são simplesmente ignoradas. Em 1986 Ama Ata Aidoo já tinha publicado *The Dilemma of a Ghost* (1965) e *Anowa* (1969); *No Sweetness Here* (1970) e *Our Sister Killjoy* (1977). Por isso, para Lloyd Brown, as escritoras africanas constituíam as vozes excluídas da literatura africana.

> The women writers of Africa are the other voices, the unheard voices rarely discussed and seldom accorded space in the repeti-

> tive anthologies and the predictably male-oriented. (Brown,1981:3)

A literatura africana tinha se tornado o veículo para trazer á tona a história dos colonizados, o ponto de vista do *Outro*, entretanto, às mulheres não foi dado o direito de trazer à tona suas questões. E mesmo que algumas escritoras realizassem o intento de retratar o universo feminino em suas obras, estariam excluídas das antologias literárias e por conseguinte da academia e da discussão pública. Aidoo compara esta negligencia à morte, ou seja, uma tentativa de exterminar as vozes femininas[1].

Segundo Cooper, esta primeira geração de escritores estava ávida por escrever a verdadeira história da África, de uma maneira que a diferenciasse daquela dos autores imperiais. As histórias de resistência eram na maioria das vezes, histórias masculinas que tinham mulheres relegadas a meros objetos das nações,

> The metanarrative of nationalist victory - and many tales of "resistance- have most often been told as stories of man, with a rather macho air to the narrating of confrontation. Women's history, to a significant extent, began by arguing that women could do it, too"or by adding African patriarchy to the colonial object of resistance. (Cooper,2003:27)

[1]Ver entrevistas, principalmente as concedidas a Adeola James e a Maria Frias.

No entanto, Aidoo não refuta apenas a excludente retórica nacionalista, mas também as feministas ocidentais que excluíram de sua agenda algumas questões importantes tais como raça, e classe. As mulheres do mundo ocidental são acusadas de centralizar sua ênfase na opressão das mulheres brancas pelo patriarcado, negligenciando outros níveis de opressão, que atingiam a mulher negra, colonizada e de Terceiro Mundo. Houve uma tentativa de promover uma analogia entre a opressão das mulheres e a dos sujeitos coloniais. Ao aplicar tal analogia, deixavam de levar em conta as especificidades das ideologias patriarcais e colonialistas, além de homogeneizar tanto as mulheres quanto os colonizados. Desta forma, o sujeito colonial é sempre um homem e o sujeito feminino uma mulher ocidental. Quando estes paralelos são construídos, a mulher negra é excluída enquanto mulher e enquanto sujeito colonial.

Uma das feministas que formulou tal comparação foi Kate Millet no livro *Sexual Politics* (1968). Segundo ela, a opressão dos brancos sobre os negros não seria tão diferente daquela exercida pelos homens sobre as mulheres. Para Millet, a exclusão de certos grupos das estruturas políticas faz com que sua opressão seja interminável, perpetuando o controle político de um grupo específico. Segundo a autora, assim como os negros, devido ao racismo, as mulheres também foram excluídas das esferas de poder devido ao sexismo.(Millet,1971).

A comparação de Millet entre racismo e sexismo exclui as questões relacionadas às mulheres negras e sua condição de oprimidas pela sociedade branca e por homens negros. As feministas afro-americanas refutaram a teorização de Millet, afirmando que esta comparação revela a ausência da experiência das mulheres negras. Para Bell hooks, tal comparação é um exemplo de como as feministas norte-americanas excluiram de sua agenda a causa das mulheres negras. Hooks acrescenta que tal analogia sugere que o termo mulher é sinônimo de mulheres brancas, assim como negro, sinônimo de homens negros[2]. Desta forma, as mulheres negras não estariam presentes me ambos os grupos.Como ela ressalta,

> By continuously making this analogy, they unwittingly suggest that to them the term "woman" is synonymous with "white women" and the term "blacks" synonymous with black men. (hooks,1982:8)

As feministas ocidentais não usaram apenas a comparação entre mulheres e negros, mas também regularmente usaram a imagem de anexação colonial para enfatizar a situação de dominação feminina pelo patriarcado. Neste caso, o homem branco ocidental é apresentado como colonizador, não apenas de terras distantes, mas também das mulheres, ocupadas e colonizadas por ele. A mulher como vítima da colonização é uma metáfora que foi muito

[2]hooks,1982:8

usada pelas feministas ocidentais. O colonialismo é comparado á relação entre homem e mulher, e da mesma maneira como nas relações de poder entre o colonizado e o nativo, a mulher foi forçada a ocupar uma posição de subordinação. Não discordamos de Millet, pois certamente a mulher branca ocidental foi colonizada e subordinada, mas Millet cai mais uma vez em uma cilada ao afirmar que este tipo de colonização interior tende a ser mais cruel do que qualquer outra forma de colonização ou segregação e a mais rigorosa que a estratificação de classe. A autora acrescenta que esta seria o tipo de colonização mais uniforme e mais difícil de vencer. Para ela, a dominação sexual é a mais penetrante, estando relacionada ao mais fundamental conceito de poder.

Não podemos deixar de considerar que a mulher passou por um processo de colonização interior que foi imposta a grande maioria das mulheres, na maioria das culturas e em grande parte do globo, porém devemos considerar que seja qual for a dominação interior sofrida pela mulher africana, esta estará aliada a outros fatores também relevantes, ou seja, o colonialismo, o neo-colonialismo e o racismo.

Sandra Harding, ao fazer uma revisão da teoria feminista, nos alerta para o fato de que se em um primeiro momento as feministas ocidentais refutaram os mais diversos discursos teóricos que criaram um homem universal e essencial, sujeito e objeto de todas as teorias. Entretanto na sua tentativa de

revelar a experiência feminina, arriscaram-se a criar uma mulher universal, sujeito e objeto, agente e matéria do pensamento. Desta forma, assim como as teorias patriarcais interpretaram a experiência de homens brancos ocidentais burgueses e heterossexuais,as feministas teóricas que também procedem destas mesmas camadas sociais, podem reproduzir as tendências das aplicações patriarcais, considerando apenas os problemas da mulher branca, burguesa, e ocidental, ou seja, criando uma mulher universal (Harding,1993:7-8).

No ensaio *A Instabilidade das Categorias Analíticas na Teoria Feminista*(1993), Harding propõe uma avaliação da teoria feminista, argumentando que as primeiras mulheres a denunciar a dominação patriarcal foram as mulheres ocidentais, e como Harding coloca com muita precisão, isto não se deu por uma questão de conspiração, mas porque estas mulheres foram privilegiadas, tendo acesso à educação formal e fazendo parte de uma elite. No entanto, enquanto faziam suas reivindicações pelo espaço feminino, deixavam de fora da agenda as questões concernentes às mulheres negras, pobres, indígenas ou as provenientes dos países colonizados.

E devido a esta exclusão que as *Outras* mulheres passaram a repudiar a teoria feminista, algumas vezes recusando o termo feminismo, no intuito de formular teorias mais inclusivas. Para estas mulheres, o movimento proposto pelas feministas ocidentais restringia-se à conhecida Guerra dos Sexos, como proposto por Aidoo, ou seja a dominação patriarcal através das suas práticas

discursivas.

> She had always known that in her society men and women had more important things to do then to fight each other in the mind. It was not in the school she had learnt this. Because you know, one did not really go to school to learn about Africa ... As for this, what did the experts call it? War of sexes? (Aidoo,1970:2)

Por isso, Aidoo afirma que no bojo da teoria feminista elaborada pelas mulheres negras está a contraposição à teoria feminista ocidental

> I know that what we have been engaged in is the dichotomy between black women and feminism and White women and feminism. (Frias, 2003:327)

Esta resistência é tão latente porque para as *Outras* mulheres, a dominação também estava relacionada a outras esferas de exclusão. Estas outras categorias certamente potencializavam a dominação feminina nos países periféricos e nas periferias das metrópoles. Como afirma Rose Brewer,

> What is most important conceptually and analytically in this work is the articulation of multiple oppression. This polyvocality of multiple social locations is historically missing from analyses of oppression and exploitation in traditional feminism, Black Studies

> and mainstream academic disciplines. Black feminism thinking is essential to possible paradigm shifts in these fields ... how race, class and gender in intersection contribute to our understanding of African-American life.(Brewer, 1993:13)

Michelle Perrot, em entrevista cedida aos cadernos Pagu em 1995, reconhece que enquanto as francesas estão muito contentes em que se faça a história delas e há realmente uma grande demanda neste sentido, o mesmo não pode ser afirmado com relação às mulheres não ocidentais.

> Com o tempo não teremos apenas a história das mulheres ocidentais, mas das mulheres de todos os países e poderemos fazer comparações interessantes (Perrot,1995:36)[3]

Para estas *Outras* mulheres que, como sugere Perrot, ainda têm suas histórias negligenciadas, a dominação feminina não pode nem deve ser vista apenas a partir de um único ângulo, ou seja, o da dominação patriarcal, mas deve estar vinculada às complexidades resultantes da interseção entre classe, língua, gênero e raça.

Nesta direção, as primeiras a refutarem a teoria feminista ocidental foram as afro-americanas. Por isso, a proposta de Alice Walker de rejeitar o termo

[3]Entrevista cedida aos Cadernos pagu em 1995, Michelle Perrot fala a repeito da necessidade de se construir uma historia das mulheres no Brasil, o que segundo ela ainda é muito escassa.

feminismo, propondo o conceito *womanism*. Em sua coleção de ensaios, intitulada *In Search of Our Mothers' Gardens*, Walker define o que vem a ser uma *womanist*. A preferência pelo termo *womanism* focaliza a noção de solidariedade, pois uma womanista seria alguém comprometida coma sobrevivência da humanidade, homens e mulheres. Para Collins o que diferencia o pensamento feminista das mulheres negras é a sua relação com outros projetos de justiça social. Neste caso, a luta da mulher negra faria parte de uma luta maior, que se relaciona com dignidade humana e justiça social (Collins, 2000).

Aidoo faz ressalvas em relação a validade do termo proposto por Walker, sugerindo a discussão das especificidades das questões femininas nos países africanos, mas também a própria liberação do continente dos poderes externos. Para Aidoo há uma necessidade de união de homens e mulheres, lutando juntos com a finalidade de vencer os problemas que assolam o continente.

1.2 A Necessidade de uma Teoria Feminista Africana

> When people ask me rather bluntly every now and then whether I am a feminist, I not only answer yes, but I go on to insist that every woman and every man should be a feminist - specially if they believe that Africans should take charge of African land, African wealth, African lives, and the burden of African development. It is not possible to advocate independence for the African continent without also believing that Africa women must have the best that the environment can offer. For some of us, this is the crucial element of our feminism
>
> Ama Ata Aidoo[a]

[a] Citado por Patrícia Collins.

Considerando a singularidade de algumas situações em África, por exemplo, tradições africanas, colonialismo e neo-colonialismo, o feminismo proposto pelas mulheres africanas se diferencia da proposta das feministas ocidentais. Apesar de reconhecerem a relevância do feminismo ocidental ao desvelar a situação de subjugação feminina sob o sistema patriarcal, também percebem suas limitações no que concerne a realidade das mulheres no continente africano.

A nigeriana Molara Ogundipe-leslie nos informa a respeito destas especificidades das questões de gênero no continente africano, visto que se já havia em muitas sociedades um privilégio do patriarcado, a interferência ocidental, através do sistema colonial adicionou novos poderes ao patriarcado em detrimento dos papéis sociais femininos. Segundo ela, a introdução da agricultura de exportação em detrimento da agricultura para consumo interno, produziu uma severa crise no modo de produção das sociedades africanas. E o resultado desta crise certamente afetou os papéis femininos nas relações de produção. A interferência do ocidente promoveu um estado de dependência econômica que levou a uma proletarização de todo um continente, onde sociedades inteiras comprometeram-se a trabalhar para suprir os paises colonizadores. Para Ogundipe-Leslie, neste processo de proletarização, as mulheres tornaram-se as dependentes dos dependentes, passando a ser ainda mais subjugadas nos novos esquemas sócio-econômicos e perdendo a posição ocupada nos antigos

processos de produção, na era pré-colonial. A marginalização das mulheres foi ainda mais rígida no processo de produção quando esta agricultura de exportação passou a ser a principal, reorganizando as relações econômicas entre homens e mulheres, adicionando outras atitudes de superioridade econômica e social ao patriarcado. Neste caso, as estruturas políticas tradicionais foram abandonadas ou distorcidas, diluindo a participação feminina das estruturas de poder. Os britânicos promoveram o apagamento das antigas estruturas políticas onde as mulheres ocupavam o poder, substituindo-as por estruturas masculinas. As modernas sociedades africanas têm por herança estruturas que privilegiam os homens e com elas a atitude de superioridade masculina e a exclusão feminina da vida política. O sistema colonial adicionou e fortaleceu as ideologias de superioridade do patriarcado que já existiam nas sociedades tradicionais africanas [4].

> The cultural outcome of these political attitudes is manifold. Women are "naturally' excluded from public affairs; they are viewed as unable to hold positions of responsibility, rule men or even be visible when serious matters of state and society are being discussed.Women are viewed to need tutelage before they can be politically active; politics is considered the absolute realm of men ....(Molara Ogundipe-Lesle, 1993:108-109)

[4]

Esta reestruturação econômica levou a uma redefinição das relações de gênero nas sociedades africanas, tornando as mulheres mais pobres e mais dependentes. Em sua obra *No Sweetness Here*, as personagens de Ama Ata Aidoo subvertem a historia de opressão a que as mulheres africanas foram submetidas, principalmente após a colonização. Aidoo sugere que na África pré-colonial as mulheres também eram subjugadas, porém ocupavam algum espaço na sociedade. O processo de colonização adicionou outros níveis de opressão aqueles que já existiam; a mulher passou a ocupar um status ainda mais baixo na escala social, o status de cidadã de segunda classe.

É importante observar que a teoria feminista elaborada pelas mulheres africanas reconhece o poder adicional adquirido pelo patriarcado sob o sistema colonial, mas também não deixam de considerar a instabilidade deste, visto que na relação com os colonizadores, os africanos ou colonizados perdem poder, e esta perda também tem ressonância na vida feminina.

Susheila Nasta enfatiza a situação da mulher negra, silenciada duplamente, um silêncio imposto devido não apenas ao gênero, mas também a raça. Segundo ela, em uma sociedade racista, onde o negro é construído com o *Outro* em relação a sociedade branca, as mulheres negras passaram a ser o único Outro disponível ao homem negro. E esta condição é ressaltada pelas feministas africanas e afro-americanas, ao direcionarem seu questionamento para dentro das relações do homem negro com sua companheira, concluindo

que uma vez que os homens negros sofrem as pressões da sociedade racista e do sistema colonialista, perdem sua auto-estima, transformando os mais próximos em suas vítimas, ou seja, esposa e filhos. Situação esta que causa um distanciamento entre a mulher negra e seu companheiro, transformando-os em inimigos ao invés de parceiros.

> . . . black women are reduced to a double silence, imposed by race and gender; it is a silence that involves the reduction of a "person"to a "nobody": for where blacks are constructed as that necessary "other" by white society, black women are left as the only available "other" to black men. (Nasta, 1991:27)

Esta situação leva Ama Ata Aidoo e outras mulheres africanas a propor uma união entre homens e mulheres no continente, com o intuito de vencer as barreiras que impedem o desenvolvimento. Para Aidoo, não poderá haver mudança enquanto houver estruturas excludentes. A própria exclusão contribuiu para a situação de subdesenvolvimento.

Ogundipe-Leslie sugere que as mulheres africanas carregam seis montanhas em suas costas. Estas montanhas metafóricas representam as situações que contribuem para sua opressão. Segundo ela, a primeira montanha é a opressão do ocidente através do colonialismo e neo-colonialismo. A terceira montanha é a falta de educação formal da mulher africana que Ogundipe-

Leslie define como atraso, pois, durante o sistema colonial os homens tinham o privilégio de freqüentar as escolas coloniais, enquanto as mulheres eram encarregadas de cuidar da casa e dos filhos. A quarta montanha seria o homem africano, ou seja, o próprio patriarcado africano. A quinta seria a cor, a raça. A sexta montanha proposta por Leslie constitui a própria mulher africana, seu profundo complexo de inferioridade, inculcado durante o sistema colonial.

De alguma forma, Aidoo traduz em sua narrativa, as lutas destas mulheres contra as barreiras impostas pelos colonizadores e pelo patriarcado africano. As personagens de Aidoo não carregam estas montanhas, tal como foi proposto por Leslie, mas, demarcam seu espaço de poder, livrando-se delas, deixando-as pelo caminho.

Capítulo 2

A Luta de Sissie e Esi Amfoa contra a Dependência

> One of the dillemas we face is that in the language of the colonial, we must negotiate visions of the self in tongues which inscribe our own invisibilities.
>
> Abena Busia[a]

[a]Em Theorizing Black Feminisms, 206

But,of course all these women-specially Sissie speak with a collective voice. Sissie is much of time whinning about the political situation, what is going to happen to us...

Ama Ata Aidoo[a]

[a]Em entrevista a Maria a Frias

2.1 Esi Amfoa Resistindo ao Imperialismo

Nesta seção minha proposta é discutir, a partir do conto *The Message* de Ama Ata Aidoo, o tema da utilização da língua inglesa na produção da literatura africana, focalizando a possibilidade de fazer uso de um instrumento que traz em si toda a carga simbólica de um veículo anteriormente utilizado na dominação dos povos colonizados.

A autora reconhece o grande dilema que é trazer à tona experiência de mulheres africanas, ou reinventar identidades utilizando a língua colonial, instrumento outrora utilizado para o apagamento de suas histórias.

Para Aidoo, uma forma de utillizar a língua estrangeira é intencionalmente mesclar sua cultura, colando aspectos da tradição oral à sua escrita. Desta mistura, surge uma literatura ambivalente. E ao mesmo em tempo em

que renuncia, se apropria da língua inglesa, transformando sua morfologia e sintaxe. A língua passa a ser não apenas um lugar de domínio, mas um espaço de reconstrução, reflexão, questionamento e desmitificação da própria língua. Esta nova língua torna-se um meio de resistência ao processo de construção e silenciamento do *Outro* nos discursos colonialistas.

Nos contos da coleção *No Sweetness Here*, Aidoo faz as mais diversas provocações em torno deste tema. Um bom exemplo de tal resistência encontra-se no conto *No Sweetness Here* que dá título a coleção. No conto hà uma passagem em que a professora, Chicha, a caminho da escola primária, passa pela aldeia cumprimentando as pessoas. Este cumprimento deveria ser *Good Morning*, *How are you doing*, ou qualquer expressão deste tipo, mas os habitantes da vila preferem comunicar-se através de um inglês fanticizado, ou seja uma mistura do inglês com a língua Fante.

> As I passed the old people, they shouted their greetings. It was the Fanticised form of English. Kudiimin-o, Chicha. Then I would answer, Kudiimin, Nana. When I greeted first, the response was Tanchiw.

Nesta passagem de *No Sweetness Here* são os idosos, mais especificamente, as mulheres idosas são que mais resistem à língua colonial, transformando o idioma estrangeiro. Para Aidoo, são elas as transmissoras do conhecimento,

as guardiães da tradição. São as avós e as tias mais velhas que se encarregam de transmitir os valores culturais através da tradição oral. Ama Ata Aidoo admitiu, em entrevistas, que algumas de suas personagens foram elaboradas a partir das narrativas das mulheres idosas de sua família.

O tema relacionado à língua, tão presente na obra de Aidoo, não é uma preocupação exclusiva das mulheres. Este foi um dos pontos altos dos movimentos de descolonização. No cerne dos movimentos nacionalistas havia um dos principais objetivos, a usurpação do poder do colonizador, não apenas o comando político, mas o poder narrativo, ou seja, o direito de representar sua história e cultura. Mas, os nacionalistas encontraram uma pedra no meio do caminho, a necessidade de afastar-se da repetição do vocabulário de poder do colonizador. Repetição esta, que impedia a criação de novos significados ou de uma efetiva criação de espaços para uma resistência ou oposição. Esta repetição é chamada por Bohemer de aproximação, surgindo como característica dos contra-discursos que acabam caindo em uma espécie de armadilha, pois pretendem criar novos significados na formulação de um discurso de resistência, mas caem na reprodução do discurso do colonizador.

> "Forced to participate in the dominant culture in order to make their case, writers could find themselves supporting the symbolic system that impelled their resistance in the first place. This

> problem called approximation, emerges as a recurring feature in most reverse or counter-discourse, including anti- and postcolonial writing."(Bohemer,1995:104)

Segundo Bohemer, os nacionalistas viviam uma situação contraditória, pois, ao mesmo tempo em que abominavam o colonialismo, tentando transgredir seu discurso, também se apropriavam de suas formas textuais, lingüísticas e ideológicas. A proposta dos anticolonialistas e revolucionários era desenvolver um vocabulário diferente da representação européia. Esta escrita enfatizava a necessidade de unidade. Havia um clamor por unificação, pois, após as políticas coloniais de divisão, a melhor forma de reconstruir as nações independentes era através da unificação. Unificação esta, que poderia ser conseguida através da língua nacional. A língua colonial deveria ser apropriada com a finalidade de expressar a própria experiência cultural. A literatura que surge neste período é escrita sob tensão, de um lado temos uma negação da língua imposta pelo centro, de outro temos a apropriação de uma língua estrangeira que foi influenciada pelas línguas nativas, transformando-a em uma distinta língua local.

Porém o tema lingüístico neste período não foi algo de simples resolução, causando muita divergência entre os próprios nacionalistas. A grande questão era como descolonizar a cultura utilizando um instrumento de dominação

colonial? Neste momento de efervescência cultural, alguns escritores imbuídos de um desejo de virar o jogo, pregaram o total abandono das línguas européias. Um dos grandes nomes deste período foi Frantz Fanon, para quem aceitar a língua do colonizador significaria aceitar uma outra cultura, enquanto negar a própria língua seria corroborar com a negação de sua identidade, sua cultura e seu passado histórico.

> the negation of one's language is the negation of one's own identity, the colonized faces the death "and burial of its local cultural originality - finds itself face to face with the language of the civilizing nation" (Fanon,1967:17).

Fanon também afirma que falar a língua do colonizador é muito mais que usar sua sintaxe e morfologia, significa assumir o peso de uma civilização. A imposição das línguas européias no continente africano era, para Fanon, mais uma estratégia de dominação, contribuía para a unificação dos povos, mas suprimia as diferenças culturais.

Uma outra figura que também trouxe um bom acréscimo para esta discussão foi o escritor e ativista queniano Ngugi Wa Thiong , para quem o processo de dominação lingüística foi tão violento quanto a conquista através das armas. No ensaio *Decolonising the Mind*(1986), ele relata uma das experiências mais humilhantes de sua infância. O fato de não poder usar sua

língua nativa kikuyu nos arredores da escola, pois aquele que cometesse tal imprudência levaria um castigo corporal, teria que arrear as calças e levar três ou quatro cipoadas, ou carregaria um prato de metal no pescoço com a inscrição - Sou um estúpido, sou um burro. Neste ensaio Ngugi defende que a língua tem dupla função, além de ser um simples meio de comunicação, é também um transmissor da cultura.

Para ele, a cultura abarca valores éticos, morais, estéticos, visão espiritual de mundo, a forma de ver-se a si mesmo e seu espaço no universo. Estes valores são a base da identidade de um povo, que lhes confere um senso de identidade. Sendo assim, a língua como cultura é um banco de memória coletiva da experiência de um povo através da história. Neste caso, cultura e língua são quase indistinguíveis, pois a língua torna possível a gênesis, o crescimento, acúmulo, articulação e transmissão de cultura de uma geração a outra.

Para Ngugi, o controle político e econômico não seria realmente eficaz sem o controle mental. E controlar a cultura de um povo é controlar sua ferramenta de autodefinição. Durante o sistema colonial, isto envolvia dois aspectos do mesmo processo, por um lado, a destruição ou desvalorização deliberada de sua cultura, sua arte, dança, religião, história, geografia, educação, oralidade, de outro, a elevação consciente da língua, da cultura do colonizador.

A principal questão colocada por Ngugi diz respeito aos escritores africanos que reclamavam da política econômica neocolonial e da relação com a Euro-América, mas continuavam utilizando a língua do colonizador, fazendo em casa o trabalho, outrora deles.

Segundo Ngugi, a literatura escrita e a tradição oral são os principais meios de transmitir a visão de mundo de um povo, ou seja, sua cultura. Ngugi, em um primeiro momento, defendeu que o escritor deveria conservar a tradição oral, a fim de criar um texto indígena, usando as línguas européias. Logo depois, ele mesmo adotou uma posição extrema deixando de escrever em inglês e passando a escrever em Kikuyu , sua língua materna. Uma decisão assim, certamente lhe trouxe sérias implicações, principalmente no tocante ao público receptor. Escrevendo em kikuyu, Ngugi dificilmente alcançaria o Ocidente.

Nem todos os escritores deste período agiram como Ngugi, abolindo as línguas européias da literatura africana. A maior parte deles sugeria uma certa antropofagia no uso desta língua, que uma vez digerida e apropriada tornar-se-ia um outro veículo de comunicação, com um outro propósito, o de resistir à dominação colonial.

Um dos defensores da apropriação e do uso criativo da língua do colonizador é o nigeriano Chinua Achebe . Ele argumenta que a língua inglesa deve ser adotada pelos autores africanos, promovendo um sentimento de solida-

riedade nacional, assumindo a posição de uma língua nacional, unificando os diversos grupos na Nigéria porque a adoção de uma única língua, pertencente a grupo étnico específico causaria divisão. Esta escolha também pressupõe superioridade de um grupo em detrimento de outros, que, por sua vez não a aceitariam pacificamente. Desta forma, para Achebe, no cerne das lutas nacionais deveria estar a pretensão de usar a língua européia, não um uso aleatório, mas de forma que causasse um desmantelamento da autoridade do colonizador e um deslocamento da visão imperial.

> If you take Nigeria as an example, the national literature, as I see it, is the literature written in English; and the ethnic literatures are in Hausa, Ibo, Yoruba, Efik, Edo, Ijaw, etc., etc. (Achebe,1993:429).

Ele acrescenta que alguns fatores contribuíram para a língua inglesa tornar-se a língua nacional em muitas partes da África. O primeiro fator seria devido a uma razão bem simples, tais nações foram criadas a partir da intervenção britânica. O sistema colonial agrupou vários grupos étnicos, criando uma unidade política.

Segundo ele, o colonialismo não foi de todo um mal, certamente destruiu muitas coisas, mas criou grandes unidades políticas onde antes existiam apenas grupos dispersos. O que atualmente conhecemos como Nigéria era um

território constituído de centenas de grupos autônomos que se tornaram uma única nação. Achebe deixa claro que em algumas regiões um único grupo étnico foi repartido entre dois ou mais poderes coloniais, mas, para ele, de forma geral, o sistema colonial uniu pessoas e grupos que viviam separadamente, lhes dando um língua para comunicar-se entre si.

Entretanto, não há muitas nações atualmente na África, onde seria possível abolir a língua do colonizador e manter a comunicação, o papel da língua colonial seria promover a comunicação entre estes diversos grupos. Portanto, ele acredita que os escritores, ao optarem por escrever nas línguas européias, podem ser julgados como não patriotas, mas, na verdade, são apenas o produto da constituição das nações africanas.

Para Achebe, os africanos que herdaram a língua inglesa não estão em posição de simplesmente deleitar-se com o valor desta herança, pois têm várias razões para continuarem ressentidos, já que o pacote não trouxe apenas a língua, mas muitas outras coisas de valor bem duvidoso, como a arrogância racial, a atrocidade e o preconceito. E estas coisas certamente devem ser reservadas a lata do lixo. Mas ele sugere que a língua é o que há de bom em tudo isso, pois há uma grande vantagem ao escrever em uma língua universal. Achebe afirma que como escritor africano, ele é plenamente capaz de transmitir o peso da sua experiência através da língua inglesa. A partir de uma apropriaação e adaptação da língua do colonizador.

> I feel that the English language will be able to carry the weight of my African experience. But it will have to be new English, still in full communion with its ancestral home but altered to suit its new African surroundings (Achebe,1993:434).

Muitos autores pós-coloniais aderiram ao ponto de vista de Achebe, aceitando o uso da língua colonial como língua nacional, com as diversas adaptações inerentes ao contexto. Segundo Aijaz Ahmad, a rejeição da língua inglesa não é diferente de um boicote a linhas férreas. Ele afirma que a história não estaria aberta a correções através de um retorno a um passado imaginário, antes das deformações coloniais.

O debate das escritoras africanas é um pouco mais extenso e complicado porque, para elas, a língua não é apenas veículo de dominação colonial, mas também de dominação patriarcal. É esta língua utilizada pelo colonizador e logo após pelos nacionalistas para construir a nação que é também utilizada criativamente por Ama Ata Aidoo para localizar as questões femininas na sociedade ganesa pós-colonial. Susheila Nasta traz no prefácio do livro *Motherlands*, um poema de Marlene Nourbese Philip, extraído da obra *Discourse on the Logic of the Language*, no qual a autora utiliza a língua inglesa para descrever sua angustia de tê-la como língua materna, fazendo um trocadilho com língua paterna.

English Is my mother tongue.

A mother tongue.

Not a foreign lan lan lang Language

l/anguish anguish a foreign anguish.

English is My father tongue.

A father tongue is

A foreign language,

Therefore English is

A foreign language

Not a mother tongue

Marlene Nourbese Philipe demonstra sua angústia em ter uma língua materna que é ao mesmo tempo uma língua estrangeira, uma língua que carrega uma história inteira de mitos e símbolos coloniais e patriarcais. Mas, para Susheila Nasta, esta mesma língua é fonte de criatividade, capaz de originar novos mitos e novas histórias. Histórias não contadas ou mal contadas, vozes femininas que foram previamente silenciadas, então, esta mesma língua torna-se um instrumento de questionamento às estruturas coloniais e patriarcais.

Algumas das personagens de Aidoo preferem não utilizar a língua patriarcal e colonial, comunicando-se nas mais diversas línguas faladas em Gana

e agindo como se o inglês não existisse. Elas resistem à imposição lingüística ocidental e a escritora trabalha a partir de uma certa ambivalência, a de escrever na língua do colonizador, trazendo para o centro da narrativa, mulheres que rejeitam a língua e são rejeitadas por uma elite que as considera analfabetas e atrasadas.

A avó, Esi Amfoa do conto *The Message* é uma destas mulheres. Uma idosa que recebe um telegrama de um hospital, informando a chegada de um novo membro à família. Sua neta teria dado à luz em um hospital público de Cape Coast e ela deveria dirigir-se até lá para visitá-la. Nada na escrita de Aidoo está ali por acaso, Cape Coast, de onde havia chegado o telegrama em inglês para uma senhora que não sabe nada a respeito deste idioma, foi a primeira capital da colônia, onde ainda estão as escolas e as universidades implantadas pelos colonizadores. O telegrama está escrito em inglês, o que impossibilita o entendimento da mensagem por Amfoa. Esi Amfoa não consegue entender o idioma, solicitando que o telegrama seja lido por alguém. Ao ouvir a notícia de que sua neta passou por uma intervenção cirúrgica, conhecida como cesárea, a avó não consegue entender nem a língua, nem o fato de ser possível fazer uma cirurgia para ter um bebê.

Aidoo, na tentativa de reproduzir a tradição oral, traz para a narrativa uma série de repetições que denotam a surpresa e o desespero da avó, levando o leitor a ocupar o local de um ouvinte acomodado em uma esteira, no chão de

uma casa ouvindo as histórias das mais velhas. A avó só consegue apreender da mensagem recebida que o estômago de sua neta foi aberto e tiraram o bebê.

"They opened her up?"

"Yes, opened her up"

"And the baby removed"

"Yes, the baby removed."

"Yes, the baby removed"(Aidoo,1970:38)

A avó teria sido confrontada por uma língua tão estrangeira quanto a cesárea. E sua inabilidade lingüística não é demonstrada apenas pelo não entendimento da língua inglesa escrita, mas também por sua falta de comando com a língua falada, situação que leva a uma série de aberrações, desentendimentos e agressões morais no hospital, onde a enfermeira pergunta se ela levou todo o clã, além de banana da terra e outras produtos, como é hábito das caipiras.

"Did she bring all her clan"

"No. She came alone"

"Strange thing for a villager to do."

"Did she bring a whole bag full of cassava and plantain and kenkey."

A avó é tratada com descaso pelo pessoal hospital, esperando dela um comportamento de uma pessoa vinda de uma aldeia, uma excluída, uma analfabeta. Da mesma forma, Achebe retrata no romance *Things fall Apart*, um colonizador rindo das conchas que são utilizadas como moedas, jogando tudo aquilo fora e desmoronando todo um sistema sócio-econômico, Aidoo questiona uma sociedade colonizada que despreza a figura da avó, das mulheres idosas que sempre ocuparam uma posição de status nas sociedades africanas. Em entrevista a Ada Azodo, Aidoo afirma que as avós perderam espaço na sociedade pós-colonial e a desintegração do seu status é parte a desintegração do espaço feminino causado pelo sistema colonial.

> They (grandmothers) may not fulfil the same roles in our lives as they've done. But the choice is ours entirely to make -whether we let the present process, which more or less sidelines grandmothers, continue or whether we do something to stop this disintegration. And I think to a certain extent we can intervene. We don't have simply to let everything collapse... But the kind of energy we need to intervene in the disintegration of the grandmother as we know it is the same kind of energy we need to reorganize other areas of our life (Azodo,1999:435).

Aidoo traz na sua fala uma atitude de comprometimento e de responsa-

bilidade como escritora e feminista, que observa a desintegração dos valores tradicionais e tem o papel de intervir. Segundo Mildred A. Hill-Lubin as avós não estão presentes na escrita feminina africana por acaso, elas são vistas como repositório e disseminadoras das histórias familiares, além de ter o papel de transmitir os valores e os ideais que contribuem para a identidade da família e da comunidade.

> ... as the preserver of the African extended family; ... as the repository and distributor of family history, wisdom and Black lore; ... and as retainer and communicator of values and ideals which support and enhance her personhood, her family and her community(Hill-Lubin,1986:258).

É interessante considerar que esta avó faz parte do grupo étnico Akan. O grupo Akan vive em um clã matrilinear, ou seja, um grupo de pessoas unidas através da linha feminina de descendência comum. Em sociedades matrilineares, a maioria das posições de liderança é ocupada pelos homens, mas a sucessão masculina é determinada pela relação com as mulheres, neste caso, as mães ou irmãs. As mulheres idosas nos grupos matrilineares devem ser consultadas no processo de tomada de decisões que afetam a família, mas o poder de decisão é sempre masculino. As mulheres também passam os valores tradicionais através das histórias orais, músicas, provérbios. Esi Amfoa, assim

como Aidoo, é Akan, falante da língua Fante, e numa sociedade de foco matrilinear ela impunha um respeito que foi gradativamente desaparecendo com a chegada dos colonizadores britânicos, ao desconsiderar as posições femininas nesta sociedade.

Por isso, estas mulheres idosas têm um significado especial na narrativa de Aidoo, que procura reconstruir o espaço de poder feminino através de suas personagens, resistindo a certos valores que foram implantados naquela sociedade, principalmente quando se recusa a pronunciar o nome ocidental da neta no hospital. Para ela, sua neta chamava-se Esi Amfoa, nome que foi dado em sua homenagem, como é costume do seu povo.

> "Who is she?"
>
> "She was my granddaughter-the only child of my only son."
>
> "I mean, what was her name?"
>
> "Esi Amfoa."
>
> "Esi Amfoa...Esi Amfoa."
>
> " I am sorry, we do not have anyone whom they call like that here."
>
> "Is that it?"
>
> "Nana, I told you they may know only her European name here."(Aidoo,1999:38)

Temos uma mulher idosa, antes muito respeitada dentro o seu grupo,

sendo humilhada em um lugar público por não falar a língua européia. Para os colonizadores, tornar-se humano significava falar seu idioma, Esi Amfoa, a protagonista de Aidoo, rejeita a humanidade ocidental. Mas,o paradoxo nesta situação é que o domínio da língua do colonizador implica um apagamento diário de suas tradições, de sua cultura, no entanto, a falta dele evidencia uma incapacidade de sobrevivência no mundo pós-colonial(Shohat e Stam, 2006).

O drama de Esi Amfoa, nos revela o dilema da autora, o de utilizar a língua inglesa, uma língua que não é nem mesmo acessível à maioria da população ganesa que continua comunicando-se nas línguas africanas. O domínio do idioma oficial restringe-se à uma elite, uma minoria que teve a oportunidade de freqüentar as escolas coloniais. Minoria esta, composta por homens que foram privilegiados pelo sistema colonial, pois as mulheres tiveram poucas oportunidades educacionais. No ensaio *Feminist Consciousness* Carole Boyce Davies ressalta que as políticas coloniais aliadas às atitudes tradicionais contribuíram para negar o acesso feminino á educação.

> The selection of males for formal education was fostered by colonial institutions which made specific choices in educating male and female. Then too, the sex role distinctions common to many African societies supported the notion that western education was

> a barrier to woman's role as wife and mother and an impediment to her success in these traditional modes of acquiring status. The colonial administrations were therefore willing accomplices because they imported a view of the world in which women were of secondary importance. Clearly then, European colonialism, as well as traditional attitudes of and to women, combined to exclude African women from the educational processes which prepare one for the craft of writing (Davies;1986:2).

Aidoo para tratar das questões relacionadas à imposição da língua inglesa constrói como protagonista uma mulher idosa, que, como muitas mulheres naquele contexto, foi excluída de um sistema educacional.

Para Davies, tal exclusão foi promovida pela combinação das atitudes dos colonizadores que consideravam as mulheres como um elemento secundário e das práticas tradicionais que viam na educação colonial uma barreira para o desenvolvimento das funções de mãe e esposa. Ao retratar o dilema de Esi Amfoa, a autora sutilmente quer levar o leitor a entender a situação feminina em Gana. Há um outro elemento determinante do papel secundário feminino, o domínio a língua colonial, a falta de acesso à escrita, o que leva a falta de oportunidade de adentrar no mundo da literatura. E esta situação levou a uma desproporção entre escritores e escritoras no continente africano, ou seja,

um número de escritoras muito reduzido contribuiu para o silêncio feminino e a falta de tratamento adequado das questões relacionadas às mulheres no mundo colonial e pós-colonial.

Lloyd Brown afirma que muito mais sério do que ter um número ínfimo de escritoras no continente africano é que suas obras não receberam a devida atenção, ficando esquecidas nos armários, estantes e gavetas. Foram quase inexistentes os críticos literários, os historiadores ou outros estudiosos das ciências humanas que se propuseram a investigar a escrita feminina africana. Aquilo que ficou conhecido como literatura africana foi uma literatura exclusivamente masculina. *"Those critics and anthologists have treated the African subject as an exclusively male product"(Brown,1981:5).*

Mulheres, como a avó Esi Amfoa sempre ocuparam um espaço na tradição oral africana, por isso sua invisibilidade na literatura, só se justifica devido a sua exclusão dos sistemas de ensino. Segundo Brown, as mulheres sempre foram contadoras de histórias,

> "Women have always played a considerable role, as storytellers and performers, in the oral tradition. The tradition always had significant place for the voice of the woman singing or reciting tales from her own perspective as wife, mother and housekeeper... In some communities, the woman as oral artist has been

known to voice her society's experience as a whole"(Brown,1981:14).

A situação de Esi Amfoa não é uma questão isolada, ou seja de uma minoria que não fala a língua do colonizador, mas muito pelo contrário, este é o caso de tantas mulheres que passam pela mesma situação da personagem do conto *The message* . Esta mensagem não compreendida é uma metáfora relacionada a uma literatura que tem a intenção de contribuir para uma mudança no destino das nações africanas, no entanto, não consegue alcançar quem está mais próximo. Em uma entrevista concedida a Adeola James, Ama Ata Aidoo revela que o problema lingüístico ainda é a grande questão para as autoras e autores no continente, pois ao utilizar a língua do colonial é possível estabelecer uma comunicação com todos aqueles povos colonizados pelos britânicos no continente africano, além de todos aqueles que falam inglês nas várias partes do mundo. Mas, e quanto aos que estão ali mais próximos, os povos da então Gana? Aidoo ressalta,

> But here we are, writing in a language that is not even accessible to our people and one does worry about that, you know. For instance, writing in English makes it possible about me or any African writer to communicate with other people throughout the continent who share that colonial language . . . one is aware of the language issue as a big issue, it is better for a writer to write, in

English, than not to write at all.(James,1990:9)

Nesta mesma entrevista, Aidoo demonstra sua simpatia pela idéia de ter uma língua franca no continente africano, uma língua continental que pudesse unir os povos e reduzir a imposição das línguas européias.

> If we can be forced to speak English because some people colonized us, or be forced to speak French, I don't see why we as people cannot give ourselves a nice little present of a continental language. Anyway, one does not even know where the energy and the political will that sort of thing come from. But as far as I am concerned, If anybody starts actively working on it tomorrow, I will support it.(James,1990: 10).

Assim como achebe, Aidoo reconhece um grande impasse político em torno da questão da escolha de uma língua africana continental. A escolha de uma língua com esta dimensão causaria uma grande divergência entre os diversos grupos étnicos, unidos pelo sistema colonial. Os colonizadores acabaram por promover a rivalidade ou aguçar algum conflito no intuito de facilitar o processo de colonização. Em Gana há uma rivalidade entre os Fantes e os Ashantis que foi bastante utilizada pelos britânicos. De qualquer forma, escolher uma língua representante teria um cunho político, inscrevendo os grupos falantes desta língua em uma outra esfera de poder.

Aidoo sugere que é melhor escrever em inglês do que não fazer literatura. O melhor é de alguma forma quebrar o silencio e trazer estas experiências femininas.

Ama Ata Aidoo e tantas outras escritoras africanas têm sobre si o peso de utilizar criativamente, além de desconstruir os mitos coloniais e patriarcais que vêm no bojo destas línguas. Se os colonizadores encaravam as nações colonizadas como um elemento feminino que necessita da proteção patriarcal, os homens da nação posteriormente perpetuaram este mito através dos estereótipos femininos.

Nas produções de ambos os grupos, colonizadores e nacionalistas, os heróis são sempre masculinos, prontos a conquistar terras estrangeiras, fazer a guerra, fazer a independência. As mulheres aparecem como símbolos sensuais, sexuais, geralmente como recompensa masculina. Ao trazer estas mulheres para a narrativa, Aidoo assume a responsabilidade de utilizar a língua como instrumento de oposição, revelando as vozes daquelas que foram excluídas da escritura da história.

2.2 A luta de Sissie Contra a Dependência

Em *Everything Counts*, primeiro conto da coleção, a protagonista Sissie reflete como algumas atitudes cotidianas foram drasticamente transformadas

pelo sistema colonial. Sissie é uma professora de economia, que estudou em Londres e decidiu voltar a Gana. A personagem inicia o conto discutindo a interferência dos problemas econômicos e políticos em Gana e a necessidade de liberar o país da exploração neocolonial. Esta é uma das maiores preocupações do período e o surgimento do neocolonialismo está presente em muitas obras.

O fato parece também incomodar Aidoo. Sissie é uma intelectual, formada na Europa, refletindo a respeito dos problemas que envolvem o seu país e o continente, em um momento em que os intelectuais concluem que não houve uma independência de fato, pois ainda há uma dependência econômica.

Todos sabem do poder adquirido pelos EUA e sua tentativa de completo domínio das nações independentes. Porém, o grande dilema apresentado no conto é como driblar a colonização cultural e psicológica. Uma dominação sutil e muito menos óbvia, mas que se faz presente nas atitudes mais simplórias, como por exemplo, mudar o penteado através de um creme para alisar os cabelos ou simplesmente por uma peruca. Aidoo reflete a respeito da proliferação das perucas como um dogma de beleza e uma tentativa de aproximação da beleza da mulher ocidental.

Ao escolher uma protagonista, uma mulher para falar sobre questões femininas na sociedade ganesa independente, Aidoo reclama o direito feminino de narrar suas histórias excluídas pela violência epistemica. A violência

epistêmica constitue-se em uma forma de exercer poder simbólico. Estas formas de violência trazem como conseqüência a invisibilidade e o silêncio dos povos colonizados.

> "La violencia se relaciona con la enmienda, la edición, el borrón y hasta el anulamiento tanto de los sistemas de simbolización, subjetivación y representación que el otro tiene de sí mismo, como de las formas concretas de representación y registro, memoria de su experiencia (Belasteguigoitia, 2001: 236 e 237).

No conto, Sissie estende a discussão sobre a colonização, investigando como as mais diversas esferas de poder colonial permeiam as vidas das mulheres em Gana. A história inicia-se em Londres com Sissie conversando com grupo de homens. Ela inicia sua intervenção naquele bate-papo informal, dando sua opinião sobre a independência, afirmando que não houve uma independência de fato, mas apenas uma reestruturação do poder e os assuntos relacionados à Gana e à África continuariam sendo decididos nas metrópoles. Para Sissie, ainda havia uma certa dependência e ela em um surto de revolta dispõe-se a dizer algumas verdades sobre uma África que importa máquinas de segunda mão catadas no lixo alguém, e paga preços exorbitantes por roupas de segunda mão vindas da América.

> The one about the people at home scrambling to pay exorbitant

> prices for second-hand clothes from America ... he would try to remember some other truths she knew about Africa. ... Second-hand machinery from someone else's junkyard (Aidoo,1970:1).

A autora levanta a questão de Gana deixar de ser colônia britânica, passando a ser país de Terceiro Mundo, sujeito a exploração e dominação do imperialismo norte-americano. John Reader ressalta que não foi bondade nem pura filantropia de Roosevelt, presidente dos Estados Unidos no período da segunda Guerra Mundial , ao firmar o acordo com Churchil, então primeiro ministro da Inglaterra em Placentia bay, Newfoundland, comprometendo-se a fornecer equipamento militar para a Inglaterra desde que houvesse no Atlantic Charter, uma cláusula onde a Inglaterra se comprometeria a promover a independência de suas colônias. Esta aliança permite aos norte-americanos expandir seu mercado de exportação, permitindo seu crescimento industrial e tecnológico. A partir daí começa a implantação de grandes industrias norte-americanas em solo africano,

> Pan-American Airways and the Socoony Vacuum Oil Company (later renamed Mobil) were establishing bases in Africa, (Reader,1997:678)

Após o acordo firmado pelo presidente dos EUA e primeiro ministro da Inglaterra, os dias de colonialismo estavam contados. Gana tornou-se formalmente independente em 6 de março de 1957. Kwame Nkrumah tornou-

se o primeiro ministro, iniciando um programa de desenvolvimento, com o propósito de fazer do país uma nação socialista.

Seu governo enfatizava a organização política e econômica, fazendo o possível para manter a estabilidade e aumentar a produtividade através de cooperativas e outras organizações. Em 24 de fevereiro de 1966, o presidente Nkrumah sofreu um golpe de estado, o exército de Gana, com a ajuda da CIA, retirou Nkrumah do poder, todos os seus ministros foram demitidos, seu partido foi dissolvido e a constituição suspensa.

O novo regime acusa Nkrumah de ditador e seu governo de opressivo e corrupto. Quando Sissie diz que nesta nova era compra-se lixo catado no quintal de alguém, maquinário de segunda categoria trazido dos EUA, mostra a frustração, amargura e desilusão, não apenas da própria Sissie, mas de Aidoo e de tantos que sonharam com uma independência. Sissie é uma voz coletiva que revela a dor, tristeza e impotência de muitos. Após o sonho de construção de uma nação mais justa, o despertar revela nada mais que uma população preparada para consumir sobras, contribuindo para o acúmulo de capital do Império Americano. No questionamento de Sissie ouvimos o eco de Fanon que afirma.

> Africa enters into a new era, neo-colonialism and its brutal exploitation and the former colonies, with the new status of nations

> from the Third World, exist only to supply raw materials and to consume the products of the First world's economy. (Fanon 1967: 51).

Para Fanon, a população colonial estava pronta para consumir. Consumir qualquer coisa barata, de baixa qualidade, consumir tudo, roupas, tecnologia, alimentando a riqueza norte-americana. Comprar os produtos vindos da América era símbolo de status nas sociedades pós-coloniais.

Aidoo extrapola qualquer binarismo reducionista, ao analisar a situação em Gana neste período, afirmando não ser o sistema colonial o único vilão desta história, nem o homem branco ocidental, o único mal que acomete seu país. Há também uma elite que sempre esteve de mãos dadas aos colonizadores, encarregando-se da manutenção do poder colonial, ao mesmo tempo em que assegurou benefícios próprios.

Dentro desta elite, a autora aponta a academia. Aidoo sente-se à vontade ao falar da academia, pois a conhece muito de perto, graduou-se em Gana, fez pós-graduação nos EUA, tornou-se professora de literatura em Gana e professora visitante em algumas universidades da Europa e dos EUA. Para Aidoo, os professores universitários, seus colegas, também faziam parte da uma elite pós-colonial que tinha o papel de omitir fatos, mentir, dissimular, garantindo o bem estar próprio. E são estes membros da academia que

Sissie acusa de *Second-rate experts giving first-class dangerous advice. Or expressing uselessly fifth-rate opinions.* (Aidoo,1970:1).

Para Sissie, estes intelectuais não estão comprometidos com a mudança de status do país. Muito pelo contrário, eles estão encarregados de manter a mesma lógica de dominação e exploração.

Apesar do inicio do discurso de Sissie em Londres, mostrar sua grande preocupação com a questão econômica e política de Gana, no decorrer da história percebe-se que este não é seu tema central. Ironicamente são os homens que lançam a questão que permeará todo o restante do conto. Quais são as implicações da colonização da cultura na vida feminina? Por exemplo, o que significa o disseminado uso de perucas entre as mulheres africanas?

> But what has wearing wigs to do with revolution? A lot sister,
> ... Because it means we have no confidence in ourselves Of course,
> she understood what they meant.

São os homens que advertem Sissie sobre um outro problema, que talvez possa ser tão importante quanto o imperialismo norte-americano, a transferência de poder e tudo mais: A colonização cultural. A crítica à colonização da cultura foi um dos principais temas do que podemos chamar de revolução cultural, um movimento proposto pelos intelectuais nacionalistas após a segunda guerra mundial com o intuito reconstruir o passado dos mais diversos

povos no continente africano.

Se o projeto de colonização tinha como objetivo reformar as mentes dos nativos, imputando o conceito de negativo e inferior a tudo que significava África, e positivo ou superior a tudo aquilo que dizia respeito à cultura européia, isto significa que o objetivo dos colonizadores era europeizar os africanos, apagar seu passado, impondo-lhes uma nova história. Este projeto ocidental reduziu um povo a um complexo de inferioridade, buscando incessantemente aproximar-se do que era tido como belo e puro.

As lutas pelas independências das colônias foram acima de tudo contra a violência cultural. E como as pinturas, as fotos, os relatos de viagem, a poesia, os contos e as novelas exerceram o papel de colonizar, os nacionalistas decidiram utilizar este mesmo veículo para descolonizar a cultura.

As questões femininas ou como as mulheres sofreram o processo de colonização eram questões secundárias. Os homens eram os únicos encarregados de reescrever uma história repleta de heróis masculinos e galardões alcançados e almejados em um mundo previsivelmente patriarcal.

Foi devido a este sentimento de indiferença e exclusão que Ama Ata Aidoo sutilmente avisa aos construtores da nação que *Tudo Conta* como o próprio título da obra sugere. A colonização cultural é realmente um problema a ser discutido, mas como tal colonização interfere diretamente na vida feminina é uma questão que precisa ser levada a sério, e, não apenas pelas mulheres.

Desta forma, Aidoo não apenas acusa os nacionalistas, mas os convida a tomar parte na luta feminina, enfatizando a necessidade de solidariedade entre homens e mulheres na reconstrução das nações africanas. A partir daí passamos a entender o porquê de Aidoo dar a voz aos personagens masculinos para falarem de perucas para uma jovem economista, que, em um primeiro momento, faz pouco caso de toda aquela história,

> After a time, she gave up arguing with them, her brothers. She just stated clearly that the wig was an easy way out as far as she was concerned. She could not afford to waste that much time on her hair. The wig was, after all, only a hat. A turban.(Aidoo,1970:3).

O interessante é que, em um primeiro momento, Sissie faz questão de priorizar outros problemas. E para ela esta questão era mínima, pois as perucas já estavam ali há tanto tempo e funcionavam muito bem, como um penteado novo, um turbante, algo como um toque especial na vaidade feminina.

Após a conversa na Universidade em Londres, o conto passa a transcorrer-se em Gana. Sissie gradua-se e decide voltar ao continente africano. Um outro aspecto interessante a ser observado aqui é que os colegas de Sissie, os homens intelectuais africanos não retornam aos seus paises no continente africano.

> Her brothers, lovers and husbands. But nearly all love of them were still abroad. In Europe, America or some place else. They used to tell her that they found the thought of returning home frightening ... Others were still studying for one or two more degrees. A Master's here. A Doctorate there ... That was other thing about the revolution.(Aidoo,1970:7).

Eles preferem matricular-se em outros cursos, conseguir mais uma especialização, mais um mestrado, um outro PHD, utilizando as mais diversas artimanhas para não encarar os problemas políticos sócio-econômicos e culturais das nações africanas. Segundo Vincent Odamtten, a protagonista de Aidoo entende a situação de seus colegas já transformados em sujeitos neocoloniais,

> Sissie ... understands that they have been transformed into neocolonial subjects; they are unable to escape the claims of the bourgeois ideology, so concentrated at the center of the empire (Odamtten,1994:84).

Nos deparamos então com um certo ressentimento e um tom acusativo mais uma vez direcionado aos intelectuais que preferem ficar no ocidente. Este é um problema que preocupa a autora, pois muitos intelectuais africanos

são enviados para complementar seus estudos no Ocidente e terminam permanecendo em outros paises, muitas vezes deixando suas famílias para trás. Em 1998, por exemplo, cerca de 700 médicos ganeses, uma considerável proporção de médicos do país, foram aos Estados Unidos e não regressaram. Isto para não falar nos historiadores, sociólogos, antropólogos e toda uma gama de professores universitários.

Voltar ao continente significa abdicar de um certo luxo e conforto, que os paises periféricos não podem proporcionar. É mais fácil analisar os problemas e formular teorias, a partir das metrópoles, ao mesmo tempo em que asseguram uma forma de não deixa-las. A crítica da autora vai diretamente aos intelectuais que optaram por não voltar aos seus países, fazendo uma espécie de acordo com a metrópole e conseguindo meios de viver ali para sempre. Muitas vezes casando-se no Ocidente, construindo uma família, tornando-se professores em Harvard, Yale, ou na Universidade de Londres.

Apesar de não ter levado a sério aquela conversa de perucas e de imperialismo cultural iniciada em Londres, quando Sissie chega à África, compreende que tudo deve ser levado em conta, pois não são apenas as questões políticas e econômicas que estão em jogo, quando se fala em colonização, mas muito além disso. Sissie vê perucas em toda parte e elas deixaram de ser apenas um penteado novo, mas tornaram-se uma norma. Além das perucas, há um outro aparato que contribui para o branqueamento das mulheres em Gana,

elas também usavam os cremes para clarear a pele.

> Suddenly, it seemed as if all girls and women she knew and remembered as having thought a terrible plague was sweeping through the land. A plague that made funny patchworks of faces and neck ... Perhaps a new god had been born while she was away, for whom there was a new festival. And when the celebrations were over, they would remove the masks from their faces and those horrid-looking things from their heads (Aidoo;1970:4).

Através da reflexão da protagonista, Aidoo apresenta uma mulher ganesa em um contexto pós-colonial que se parece a um disfarce de carnaval, uma combinação de pedaços da cultura ocidental. Alguém que usa uma máscara, uma construção do sistema colonial. É possível ler nas entrelinhas da fala de Sissie, os textos de Fanon, pois para ele o homem colonizado perde sua subjetividade, tornando-se algo deformado, passando a representar a antítese do colonizador, ou seja, a aparência do mal, a ausência de valores. Aidoo escreve esta coleção de contos na década de sessenta, publicando-a em 1970. Naquele momento a teoria de descolonização influenciava uma boa parte da literatura da época. Fanon, inclusive decidiu morar em Gana no período,o que reforça o grande impacto de suas obras na escrita de Ama Ata Aidoo, especialmente nesta coleção de contos.

Apesar do calor da hora, do imenso desejo de denunciar um colonialismo que criou um complexo de inferioridade no nativo, Aidoo consegue criticar Fanon por não ter dado à devida relevância a mulher nativa sob o sistema colonial. E numa tentativa de reparação, em *Everything Counts*, constrói personagens femininas alienadas em um contexto de uma Acra urbana. Se fizermos um exercício utilizando uma citação de Fanon, ao substituir a palavra colonizado, que em suas obras traz o masculino, pelo pronome ELA, representando a mulher caracterizada por Sissie, concluiremos que este conto em especial tem uma profunda relação com as obras *Black Skins White Masks* e *The Wretched of the Earth* do psiquiatra caribenho.

> [She] represents not only the absence of values, but also the negation of values. [She] is the deforming element, disfiguring all that has to do with beauty and morality (Fanon,1967:32).

Como se quisesse deixar clara a influência de Fanon, Aidoo cita o título de sua obra para falar sobre a colonização da cultura e a transformação de garotas da vila em *ladies*, em mulheres britânicas, sugerindo que este projeto pode ser a mais nova arma dos países industrializados contra os condenados da terra.

> Perhaps it was an automation as the newest weapon from industrially developed countries against the wretched of the earth.

(Aidoo, 1970:5).

Fanon afirmou que o colonizador colocou-se como norma e o colonizado deveria imitá-lo. Tal imitação tornou-se determinante para sua sobrevivência em um ambiente colonial. As mulheres em Gana descritas por Sissie que usam perucas e cremes para clarear a pele, procurando de todas as maneiras uma forma de imitar o padrão de beleza da mulher branca ocidental que é tida como norma.

Para Fanon o sonho do homem colonizado era deitar-se com a mulher do colonizador, ocupando seu lugar em todas as esferas de poder, Sissie também denuncia os diplomatas e embaixadores de seu país que ao chegarem nas cidades metropolitanas, correm para os prostíbulos. Segundo ela se os homens sonham em ter uma mulher ocidental a qualquer custo, o que resta para as mulheres negras é a imitação grotesca e carnavalesca.

> As for imitating white woman, what else can one do, seeing how some of our brothers behave? The things one has seen with one's eyes. The stories one has heard. About African politicians and diplomats abroad. But then, one has enough problems ... (Aidoo,1970:3)

Tal imitação seria uma forma de agradar os homens em "casa". A semelhança com a mulher ocidental traria um certo status quo na sociedade,

além da esperança de arranjar um bom casamento, podendo ter filhos. Afinal em uma sociedade tradicional e patriarcal, mulheres que não casam e não tem filhos são desprezadas e desclassificadas. São as mães que adquirem um certo status, mas para ser mães é preciso casar-se, mães solteiras estariam no mesmo nível das prostitutas e concubinas.

É interessante considerar aqui que a própria personagem principal de Aidoo não é uma heroína mítica, descolada da realidade, pregando um retorno a um passado. É impossível também para Sissie escapar dos apelos de uma sociedade pós-colonial. Ela não usa perucas nem qualquer tipo de cabelo artificial, mas usa um creme, não para deixar os cabelos completamente lisos, mas para deixá-los mais soltos, fáceis de pentear.

> Meanwhile, she was wearing her own hair. Just lightly touched to make it easier to comb. In fact, she had been doing that since the day they got married. The result of some bargaining. The final agreement was that any day of the year, she would be around with her own hair. But she could still keep that thing by for emergencies.(Aidoo,1970:4)

Sissie teria passado a usar tais produtos por conta do casamento. Seu marido preferia assim, por isso ela teria resolvido fazer algumas concessões. Aidoo reitera a situação da mulher nesta sociedade como alvo de um patri-

arcado que tem como padrão de beleza a mulher européia. Esta preferência dos homens também teria fomentado um complexo de inferioridade nas mulheres, o qual teria desembocado na busca incessante destes produtos que o capitalismo poderia oferecer. Segundo Odamtten, o que aconteceu com as mentes deste povo é o que mais o amedronta,

> because of the colonial experience we still, unfortunately, are very much lacking in confidence in ourselves and what belongs to us. It is beautiful to have independence, but it's what has happened to our minds that is to me the most frightening thing about the colonial experience (Odamtten,1994:17).

É a mente da mulher em Gana neste período que mais preocupa Aidoo. Após o término de um sistema colonial que associou o ocidente ao belo, e o Outro ao distorcido, como livrar-se do complexo de inferioridade, do desejo de ser ao menos um pouco mais parecido com o colonizador ou com a colonizadora? É o que afirma Linda Strong-Leek,

> Hence, Aidoo's critique of traditional western standards of beauty and their acceptance by a part of African society attacks the institution upon which ideology is defined-the Western patriarchy- but now in the hands of the formerly colonized, because colonization is much more than a stark exploitation of the body: it achieves its

> ultimate success in the destruction of the human soul that results as a matter of the psychological destruction of those it seeks to enslave. Aidoo is both informing the West and criticizing those in Africa who have accepted this practice of attempting to conform to European standards of beauty (Strong-Leek,1999:149)

O historiador Buah em seu livro a *History of Ghana*, publicado em 1980 volta ao tema do complexo de inferioridade herdado pelos nativos que perderam a auto-estima e aprenderam a associar seu país, o continente e a si mesmos a negação, a antítese do colonizador. Buah também considera esta a esfera mais complicada da descolonização.

> Africans came to regard their white trading partners and the white race as superior to their own, and to accept the white culture and values in preference to their own heritage. This unfortunate attitude became more and more pronounced right through the colonial days, to such an extent that this complex has not entirely disappeared from African society to this day (Buah,1980:74).

É este sentimento instalado nas mentes das ganesas-africanas, o principal tema de *Everything Counts*. E na tentativa de construir uma outra história, Aidoo através de sua personagem fala energicamente, adverte, tenta acordar

as mulheres do que ela chama de pesadelo ou de transe, pois todas as mulheres querem estar da mesma forma, como se ali existisse uma deusa para ser imitada e obviamente quem não fizer parte desta lógica fica distante da salvação.

Molara Ogundipe-Leslie salienta que o sentimento de inferioridade instalado nos homens e mulheres do continente africano afeta as relações políticas e econômicas como um todo. E neste contexto, onde a elite era totalmente dependente, não apenas economicamente, mas culturalmente, criando uma dependência cultural e até emocional dos países industrializados, as mulheres passam a ser cidadãs de segunda classe, dependente dos dependentes,

> Within this cultural universe of Third World dependency, the woman is the dependent of the dependent, being pulled along in the whirligig of neo-colonial meaningless behaviour. Like her male counterparts, she imitates everything European and despises her traditional culture and race while she fails to understand her own true needs(molara Ogundipe-leslie, 109).

Para o final da história, a autora nos surpreende mais uma vez. Em um concurso de beleza, Sissie depara-se com a vencedora. Ficamos pensando em quem poderia ser a mulher mais bonita de Gana em um concurso de Miss. A vencedora escolhida por Aidoo que representa muito bem o período,

é o que a autora chama de uma mulata. Uma mulher de pele mais clara e cabelos ondulados caindo nos ombros. Exatamente o sonho de consumo de um grande grupo de mulheres que tentavam alcançar aquele padrão através dos cremes, pastas no cabelo e as perucas.

> She just recalled, later, that all contestants had worn wigs except one. The winner. The most light-skinned of them all. No, she didn't wear a wig. Her hair, a mulatto's, quite simply, quite naturally, fell in a luxuriant mane on her shoulders...S he hurried home and into the bathroom where she vomited and cried and vomited for what seemed to her to be days. And all this time, she was thinking of how right the boys had been (Aidoo,1970:7).

A mulata, uma mulher mais próxima da cultura ocidental, simboliza para Aidoo o ápice interferência da cultura ocidental. Muito mais interessante que a vitória de uma mulher mestiça, é a reação de Sissie que vai ao banheiro e tem um acesso de vômitos. Aidoo, então expurga toda o nojo que sente não apenas do ocidente, mas também das pessoas em Gana que foram encarregadas de manter a ordem. Estes são os principais culpados, são os que trazem os objetos da América, as perucas e os cremes. O vômito de Sissie revela a frustração da autora em uma sociedade pós-independente, onde as coisas não mudaram tanto. Aidoo vê o processo de colonização como algo

que destrói não apenas o corpo, mas a mente e a alma, resultando em uma destruição psicológica.

O objetivo da autora é a partir da reflexão da protagonista, promover uma remoção das máscaras impostas às mulheres nativas e, segundo ela, este tipo de revolução também precisa ser levada a sério. Apesar de ressaltar uma dependência do ocidente, Aidoo tem uma visão ampliada, percebendo a situação das mulheres em Gana e das nações pós-independentes da África Negra como parte de um processo histórico, que não pode ser simplesmente reduzido à presença do colonizador , estendendo sua critica aqueles que aceitam a Europa como norma, encarando seus padrões como regras a serem seguidas e imitadas. A elite ganesa, da qual faz parte, e que contribui para tal estado de coisas, é uma elite corrompida e Aidoo, valendo-se de sua juventude decide renunciar os valores burgueses, tomando parte na luta dos excluídos.

Capítulo 3

Relações de Gênero e Reconstrução de Identidades

> . . . the fundamental issue is, are we going to develop our feminist consciousness?
>
> Ama Ata Aidoo[a]

[a] Em entrevista a Maria Frias.

> I was writing about women who protest at least at a personal level, about injustice, about misrepresentation ... If the women in my stories are articulate... And I learnt those first feminist lessons in Africa from African women
>
> Ama Ata Aidoo[a]

[a]Em entrevista a Maria Frias.

As relações de gênero nas sociedades pós-coloniais também foram reestruturadas. As instituições tradicionais passaram a ser questionadas e em uma nova sociedade ganharam uma nova roupagem. A intenção de Aidoo é repensar estas relações neste contexto, e através das personagens Setu, Maami Ama Esi Sekyi e Fusena, questiona o matrimônio, a maternidade, a poligamia, bem como os novos papéis, muitas vezes contraditórios, desempenhados por homens e mulheres. O grande dilema destas personagens gira em torno da redefinição de suas identidades.

3.1 A Dor de Maami Ama

No conto *No Sweetness Here*, Aidoo sugere uma reflexão a respeito do tema, enfatizando o status adquirido pelas mães nesta sociedade, onde as mulheres, após terem filhos, passam a ser chamadas de Maami, o que funciona como uma espécie de título. Carole Boyce Davies, em um ensaio acerca da maternidade, ressalta sua preferência pelo tema, visto que, em uma grande maioria das sociedades africanas, a maternidade define a identidade feminina. A mulher casada com filhos, de preferência meninos, adquire um certo respeito, passando a ser conhecida como "Mae de ..."[1].

Davies ressalta o papel central das mães até mesmo em sociedades patrilineares, nas quais a capacidadde reprodutiva feminina também é exaltada, pois os maridos dependem das mulheres para darem continuidade à sua linhagem. Para ela, talvez esta condição determine uma das diferenças mais fundamentais entre as lutas feministas em África e no Ocidente.

Aidoo, através da personagem Maami Ama, relata o paradoxo vivido pelas mulheres nestas sociedades, que enquanto louvam as mães, lhes dando um título, desprezam as esposas. No inicio da história, Maami Ama queixa-se de sua condição de esposa, humilhada pela sogra e pelas co-esposas, só lhe resta uma alternativa, pedir o divórcio.

[1]Carole Boyce Davies Ngambika, 243

> Do you know that tomorrow I am going to have a formal divorce? Yes, I am, she went on. I should. What am I going on like this for? What is man struggling after? Seven years is a long time to bear ill-usage from a man coupled with contempt and insults from his wives ... What do I have done to deserve the abuse of his sisters? And his mother. (Aidoo,1970:60)

Phanuel Egejuru, no ensaio *Paradox of Womanbeing*, também traz à luz, como o próprio título sugere, o paradoxo na vida das mulheres Igbos, na Nigéria. Há uma grande contradição entre os papéis desempenhados por mães e esposas. As esposas geralmente sofrem, aceitando a condição de subjugação do casamento porque serão recompensadas quando tiverem seus filhos. A maternidade lhes atribuirá um certo status na sociedade.

> A woman thus accepts the temporary hardships and humiliation of marriage to ensure the more ennobling and permanent state of motherhood. Marriage is temporary even when a woman lives out her life in marriage. Among the Igbo, a woman's obligations to the man ends when she dies, but her obligations to her children continue. (Egejuru e Katrak, 1997:17)

No entanto, Maami Ama subverte a tradição, afirmando não agüentar mais o purgatório da convivência com o cruel Kojo Fi, abrindo mão do

paraíso. Em caso de divórcio, há uma grande possibilidade dela perder o filho, que passaria a viver com a família do marido. Entre os insultos das outras esposas, e o desprezo do marido, estava ali Kwesi, como a única razão para a existência daquela mulher. Mesmo assim, Maami prefere seguir com a idéia do divórcio, decidindo perder tudo o que lhe dá status naquela sociedade, o papel de mãe. Ela afirma que poderia lutar ou pedir para que Kwesi continuasse com ela, mas seria muito provável que os anciãos, juízes no caso do divórcio, pedissem para que ela deixasse o menino seguir com o pai e, neste caso, estaria disposta a obedecer a determinação.

> Maami Ama, has not your husband got right to take Kwesi from you I asked her.
>
> He has, I suppose, but not entirely. Anyway, the elders who would make a divorce settlement ask me to let him go and stay with his father, I wouldn't refuse. (Aidoo,1970:62-63)

Algo que nos toma de surpresa na história de Maami Ama é que ela, assim como Esi Amfoa, também pertence ao grupo Akan, ou seja, a um grupo matrilinear. Neste caso podemos concluir que em caso de divórcio, a mãe deveria ter o direito a ficar com o filho. Entretanto, mesmo nas sociedades matrilineares, os homens idosos, os anciãos exercem poder sobre a unidade familiar, assim entendemos porque Maami Ama afirma que se os

anciãos dessem o direito ao seu marido, ela não faria objeções.

Em troca de sua liberdade e dignidade teria que renunciar ao próprio filho. A atitude de Maami Ama revela a indignação da autora em relação a algumas práticas tradicionais e, sua necessidade de fazer uma intervenção.

No final do conto, temos uma outra surpresa, Kwesi, filho de Maami Ama, é morto ao ser envenenado por uma picada de uma cobra. A morte de Kwesi retira da mãe o peso de entregar seu filho para ser criado pela família do seu ex-marido. Aidoo revela sua amargura com uma prática tradicional em uma sociedade que louva e idolatra uma mãe mitificada, um ser espiritual. Aidoo de certa forma, revela a amargura destas mães que não conseguem rebelar-se contra as instituições, deixando seus filhos partirem. Ao menos para as mães, esta partida tem sabor de morte, e os gritos, o soluço, o choro e a dor de Maami Ama ao ver seu filho morto retrata a dor de muitas mães oprimidas por instituições tradicionais.

A história de Maami tem um outro objetivo, o de fazer um contraponto com as narrativas a respeito de mães espirituais, encarnando a figura do próprio continente, a Mãe África, uma mãe mítica, simbólica, sem nenhuma semelhança com o sofrimento das mães reais. A mitificação das mães, presente na retórica nacionalista, escondeu e mascarou a realidade da maternidade nas sociedades africanas. Um bom exemplo foram os poetas do movi-

mento Negritude[2], ao idealizar uma mãe transcendental em seus poemas, com metáforas sobre mães africanas, a terra e África. Os poetas do Negritude, por

[2]Este movimento constituído por intelectuais negros de língua francesa foi muito importante no momento de descolonização, composto por Leopold Sedar Senghor, Aimee Cesaire, Bernard binlin Dadie. Negritude pregava o fim da supremacia branca e celebrava a negritude a partir do fato de ser um nativo. Para Senghor, a diferença racial era parte da realidade humana, refletindo um estado interior. Ele afirmava que o colonialismo foi uma experiência, acima de tudo, racial e criou uma personalidade negra coletiva. Negritude não questiona a afirmação colonial de raça como conjunto de traços internos e externos, ou as conexões entre raça e cultura. O objetivo do Negritude era dar vitalidade espiritual aos estereótipos degradantes, desmantelar representações negativas através da estratégia de tornar as identidades negativas em auto-imagens positivas. No entanto, Negritude ratificou todos as imagens negativas construídas pelo colonizador, não invertendo os discursos coloniais acerca da África e dos africanos. Nos seus poemas, Senghor não traz um continente diferente daquele idealizado e mitificado pelo pensamento colonial, ou seja, um lugar de ritmo, sensualidade. Se há uma tentativa, a partir destas imagens, de criar uma reação, uma identidade negra livre do olhar colonial, Senghor termina por reafirmar a dicotomia entre África e Europa criada pelo antigo sistema. Com o objetivo de ressaltar os traços distintivos da cultura negra, ele adota estereótipos que refletem o preconceito europeu. Quando ele clama que os africanos têm uma visão distinta do mundo em relação à ética, metafísica e estética, ele também separa os valores africanos dos valores europeus ou universais. Sendo assim, a cultura negra é vista como emocional em oposição à racionalidade, ou integração e unidade opostas à fragmentação. Seguindo este modelo África pode ser facilmente posta como antítese da Europa.

exemplo, adoram a figura feminina da África, de uma forma nada diferente daquela adotada pelos colonizadores. Ela era mais uma vez representada como um corpo feminino adorado e maternal.

O mito da Mãe África, passou a ser encarado pelas escritoras e feministas africanas como um estereótipo, visando confinar a mulher africana ao papel de mãe, mulher extremamente fértil, pronta para dar à luz e cuidar dos homens da nação. Entretanto, os únicos permitidos a ocuparem o papel de sujeitos e escreverem uma nova história para uma nação livre eram os homens. Embora fossem representadas como símbolo de força, repositório de cultura e fertilidade, as mulheres eram mantidas em silêncio. A autora Mariama Ba critica com veemência o mito da Mãe África. Como podemos observar no trecho seguinte:

> The nostalgic songs dedicated to African mothers which express the anxieties of men concerning Mother Africa are no longer enough for us. The black woman in African literature must be given the dimension that her role in the liberation struggles next to men has proven to be hers, the dimension which coincides with her proven contribution to the economic development of our country. (Innes,1991:27)

Mariama Ba critica diretamente o movimento nacionalista Negritude que

teve como um dos principais fundadores Leopold Sedar Senghor. Em um de seus mais famosos poemas, *"Femme Noire"*, o poeta dedica uma canção de amor à mulher africana, porém a dedicatória de Senghor não é a uma mulher real, mas a uma mulher simbólica, criada, e mitificada na imaginação do poeta. A mulher negra africana representada por Senghor é um tipo de entidade espiritual e só pode ser comparada à própria mãe do poeta ou a África, a Mãe África. Como assinala Abiola Irele:

> The woman addressed is not an individual but a symbolic African woman, incarnating the enduring qualities of race. She is woman as a lover, who calls forth erotic feelings, as mother who evokes filial sentiments, and as Africa itself, source of the race and its organic bond with the life of the universe. (Irele,1977:9)

Para Florence Stratton, Senghor, em seus poemas, endossa uma alegoria maniqueísta, isto é, a alegoria homem-mulher que representa domínio-submissão, mente-corpo, sujeito-objeto. Stratton ressalta que quando um homem, intelectual, africano educado no ocidente, tenta representar uma mulher negra, geralmente faz uma descrição lírica de uma mulher jovem ou de mãe fértil, como a própria África que ele descobre e explora. Stratton considera que esta relação sempre é baseada na posse, pois o autor é sempre um homem que representa o sujeito da nação, enquanto a feminina África se

torna objeto. Ele é o sujeito ativo, o novo cidadão, enquanto ela é o objeto passivo, a nação.

A retórica nacionalista utilizou a figura materna mítica como um símbolo representativo de todas as mulheres encarregadas de gerar os filhos da nação. E, ao mesmo tempo em encobre e negligencia o real status feminino em sociedades patriarcais, reitera práticas tradicionais, contribuindo para a opressão feminina, potencializando o baixo status daquelas que não tem filhos. Os privilégios atribuídos à maternidade nas sociedades tradicionais funcionam como um lado da dicotomia, no outro extremo há as punições para as mulheres solteiras ou inférteis. Este outro extremo foi completamente ignorado na literatura masculina.

Para Elleke Bohemer, após as independências das nações, apesar da Mãe África ser declarada livre da dominação colonial, as mães de África permaneceram oprimidas.

> Mother Africa may have been declared free, but mothers of Africa remained manifestly oppressed. (Bohemer,1991:7)

3.2 O Divórcio de Esi e a Crise de Identidades

O tema da maternidade também aparece em *Changes* (1991), a protagonista Esi Sekyi resiste ao papel de mãe bem como a identidade femi-

nina concebida em sua sociedade. Nesta obra o problema central gira em torno do matrimonio e principalmente da poligamia. Mas, a maternidade já aparece nas primeiras páginas, quando Oko, esposo de Esi, reflete sobre sua esposa, concluindo que Esi parece não se encaixar em uma identidade feminina africana, e o pior, tampouco ele estava dentro das normas de masculinidade exigidas naquele contexto. O sistema colonial facilitou o surgimento de mulheres como Esi que fogem do parâmetro feminino conhecido por Oko. Ele não conseguia entender como uma mulher africana poderia recusar-se a ter um segundo filho, conformando-se com apenas uma *filha*. E quanto a ele, que homem era aquele que simplesmente aceitava um absurdo deste tipo.

Esi, por sua vez, recusa a identidade feminina africana esperada por seu marido. Ela é uma profissional bem sucedida, graduada e pós-graduada, mora em uma casa confortável cedida pelo governo, por conta de seu emprego, tem um carro, faz muitas viagens de negócios e tem uma extrema preocupação com sua carreira. Vivendo e trabalhando na zona urbana, Esi sai com as amigas para tomar cervejas enquanto conversam a respeito de sexualidade e vida conjugal. Para ela ter mais filhos vai restringir sua liberdade e interferir em sua carreira, por isso, não dá a mínima aos apelos do marido, resiste sua imposição e encerra o assunto. Ela não parece preocupada com o rótulo de semi-estéril que certamente receberá, decidindo renunciar a redenção de ser mãe pela segunda vez, quem sabe de um menino, desprezando

o status e o poder que isto podia lhe conferir.

Percebemos a intenção da autora em libertar sua personagem da obrigatoriedade de ter muitos filhos como é esperado pela sociedade. Aidoo quando direciona nossa atenção ao fato de Esi ter apenas uma filha, uma menina e achar que não precisa ter outros, tira das costas das mulheres africanas este fardo. Não que a maternidade em si seja um fardo, mas a obrigatoriedade desta e a elevação do status feminino por conta da maternidade é uma carga a mais. Ama Ata Aidoo em entrevista a Adeola James afirmou demonstrou sua indignação com a supervalorização do papel de mães em detrimento de outros papéis exercidos pelas mulheres africanas.

> Traditionally, a woman is supposed to be nothing more valid than a mother. Sometimes one get nervous of such total affirmation and total negation in relation to other roles that one has played.(Aidoo,1986:13)

Enquanto Esi parece aceitar a contradição que sustenta sua identidade, Oko continua preso a fantasia de uma identidade estável, unificada, indissolúvel, entrando em paranóia ao imaginar os outros homens africanos em sua comunidade, rindo por detrás de suas costas.

> My friends are laughing at me, he said. They think I'm not behaving like a man. (Aidoo,1991:8)

O fato de ter apenas uma filha, receber um salário menor do que o de sua esposa e de certa forma aceitar passivamente faz com que Oko sinta-se menos homem e menos africano. Por isso, numa tentativa de confirmar para si e para os amigos sua masculinidade, ele, em um surto de descontrole, avança sobre sua mulher, forçando uma relação sexual.

> Oko flung the bedcloth away from him , sat up, pulled her down, and moved on her. Esi started to protest. But he went on doing what he had determined to do all morning. He squeezed her breast repeatedly, thrust his tongue into her mouth, forced her unwilling legs apart, entered her, plunging in and out of her, thrashing to the left, to the right, pounding and just pounding away. Then it was all over. (Aidoo,1991:9)

> It all came to her then. That what she had gone through Oko had been marital rape. (Aidoo,1991:11)

O curioso aqui é a necessidade de Oko de praticar tal ato violento como forma de resgatar uma identidade que parece esvair-se, escapando-lhe dentre os dedos. Oko finalmente tem a sensação de recuperar *sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas*(Hall,1993:87). Seu ato lhe dá segurança ao mesmo tempo em que lhe tira o medo de perder sua identidade.

Se Oko por um momento sente-se seguro o resgatar sua posição, Esi Sekyi considera a atitude de Oko, violência sexual, ou seja, o que teria acontecido naquela manhã enquanto vestia-se para trabalhar foi um estupro marital. Desta vez a identidade de Esi é posta em questão, pois ela mesmo tendo a certeza de ter sofrido uma violência sexual, não consegue expor publicamente o motivo do divórcio, temendo ser ridicularizada, pois o termo estupro marital poderia ter significado nas línguas ocidentais, no mundo ocidental. Mas, segundo Esi este era um termo inexistente nas línguas africanas, pois ali naquele contexto, sexo é algo que o homem tem direito e deve tê-lo quando e como bem entender. Neste caso Oko teria feito o que lhe era de direito. Enquanto pensava no problema, imaginava-se ouvindo vozes dizendo que tal atitude só poderia ser culpa de um movimento feminista ocidental.

What s buryng us is that imported feminism (Aidoo, 1991)

Certamente suas amigas a acusariam de ter sido influenciada por um movimento feminista importado. Em um primeiro momento, a protagonista não consegue sair deste impasse, o de estar presa a dois mundos aparentemente excludentes. Ao afirmar sua subjetividade e refutar certas práticas tradicionais, corre o risco de ser acusada de renunciar a identidade africana, tomando parte numa luta feminista ocidental. Como afirma Marie Linton Umeh,

> The African woman more so than the african man, is caught in a bind. In order to be liberated and fulfilled as a woman she must renounce her African identity because of the inherent sexism of many traditional African societies. Or if she wishes to cherish and affirm her "Africanness" she must renounce her claims to feminine independence and self-determination. Either way, she stands lose; either way she finds herself diminished, impoverished. (Umeh,1986:175)

Desta forma, sempre haverá uma sensação de perda para as mulheres africanas que se vêem presas entre estes dois mundos, em um lugar de negociação, onde a cultura ocidental, assim como, as instituições tradicionais precisam ser reinventadas. Tanto Esi quanto Oko precisam *aprender a habitar no mínimo entre duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas* (Hall,2003:89).

3.3 Pensando a Poligamia no Contexto Pós-Colonial

Esi , após divorciar-se do marido, passa a ter um relacionamento com um homem muçulmano que a pede em casamento. Neste novo relacionamento,

sua condição seria a de segunda esposa. Apesar dos conselhos da mãe e da avó, a respeito da perda de status das mulheres em um casamento poligâmico, Esi, completamente envolvida por um homem sedutor, decide ir adiante, tornando-se segunda esposa de Ali. O interessante é a mãe e a avó de Esi não conseguirem aceitar a condição de segunda esposa para alguém que tinha uma vida tão bem sucedida, pois a segunda esposa não tinha status nem privilégios.

> Esi's grandmother could have told Ali that in the old days, there would have been no problem Why marry two, three or more women if you were going to go through such contortions? So no man who had more than one wife lived with any of the women on a permanent basis... And the days were properly regulated. Wives took turns being wives. When it was one wife's turn, she cooked for the man and undertook the housekeeping for him completely... When her turn was over he just switched. Supposing a man had a favourite? He was not supposed to. (Aidoo,1991:78)

Esi decide não seguir os conselhos da família, casando-se com Ali. Para ela, a poligamia lhe dará liberdade para ficar mais tempo em casa, trabalhando até tarde sem preocupar-se com filho ou marido. Sendo uma segunda esposa, teria outra mulher para dividir a atenção do marido, o que lhe daria

liberdade .

> Esi ... was not really allowing herself to understand or not to understand Ali's comings and goings in relation to herself. She found the relationship very relaxing. (Aidoo,1991:79)

Por outro lado, Ali Kondey, um homem inteligente e bem formado está completamente de acordo em ter mais de uma esposa, pois para ele esta instituição faz parte de sua identidade. Ele ressalta que em África sempre existiu poligamia e o repúdio a esta era nada mais que a aceitação da norma imposta pelos colonizadores. É importante observar que Ali revela sua resistência à interferência ocidental através da reiteração da poligamia.

> ... Poligamy, bigamy. To the people who created , these are all crimes. Like homicide, rape and arson. Why have we got so used to describing our cultural dynamics with the condemnatory tone ofour master's voices? We have got marriage in Africa, Esi. In Muslim-Africa. In non-Muslim África.And in our marriages a man hás a choice - o have one or more wives. (Aidoo,1991:90)

O posicionamento de Ali Kondey em relação a poligamia revela o ponto de vista de muitos intelectuais africanos que no período pós-independência defenderam a adesão às instituições tradicionais como resistência ao imperialismo ocidental e sinônimo da identidade africana.

Um outro ponto que nos chama atenção aqui são as tradições em torno do matrimônio de Esi e Ali. Ali vai a aldeia onde vivem os parentes de Esi para falar a respeito de sua intenção de torná-la sua segunda esposa. Em um primeiro momento, a família de Sissie não recebe Ali, pois ele deve comparecer com um ancião representante de sua família. Da segunda vez, já com o representante presente, o pedido é realizado e Ali entrega muitos presentes à família da futura esposa. Os presentes de Ali funcionam aqui como o *dowry*, quantia devida pelo noivo e sua família à família da noiva. Para Molara Ogundipe-Leslie, esta quantia equivale a um pagamento por uma compra, na qual a mercadoria seria a noiva. Aidoo não faz tal juízo de valor, mas deixa claro que Ali é muito rico e cobre Esi de presentes, o que aumenta o seu encantamento por ele.

Após o casamento, o sonho de Esi cai por terra, quando Ali deixa de visitá-la com tanta freqüência, pois passa as datas festivas, como Natal, com a primeira esposa e os filhos. Sua segunda esposa fica em casa eternamente a sua espera. Em um destes momentos de solidão, Esi lembra-se do conselho da avó, a respeito da posição ocupada pela segunda esposa. Naquela situação o único beneficiado era Ali que no final do romance parecia já estar encantando-se por sua secretária. E como seria se surgisse mais uma esposa?

Por outro lado, Fusena, esposa de Ali, desespera-se quando toma conhecimento da intenção do marido de ter uma segunda esposa, e mesmo sendo

muçulmana, o que sugere a aceitação de um matrimônio poligâmico, esta possibilidade nunca passou por sua cabeça. A atitude do marido equivalia a uma traição, pois havia no relacionamento deles um pacto silencioso. Fusena resolveu não se graduar ou pós-graduar-se, preferindo assumir apenas os papéis de mãe e esposa daquele que antes de ser seu marido, teria sido seu melhor amigo no colégio. Desta forma, enquanto ele estudava em Londres, Fusena cuidava da casa e dos filhos. A atitude de Fusena, assim como a de Esi, ao aceitar a condição de segunda esposa, é também surpreendente, já que não apenas a tradição africana, mas também sua religião permite a poligamia.

Mas, é importante ressaltar que seu marido passa por cima das tradições quando lhe convém, casando-se com Esi sem o consentimento de sua primeira esposa. Ou não dividindo sua atenção igualmente entre as duas esposas. Temos a impressão que Ali defende as instituições, clamando uma identidade africana, mas não hesita em burlá-las quando necessário para satisfazer seus próprios interesses.

A poligamia proposta por Ali apenas beneficia uma única parte, a de Ali Kondey. Até mesmo Esi, a independente Esi, que em um primeiro momento, pensa que será beneficiada com a nova situação, não consegue superar as longas esperas e os dias intermináveis sem um único telefonema.

Aidoo questiona a poligamia nesta sociedade urbana e pós-colonial. Como vimos, a poligamia é defendida pelo protagonista como parte das tradições de seu povo, mas segundo a tradição a primeira esposa teria controle sobre o processo, sendo apresentada a segunda esposa. A partir daí, aprovaria a chegada daquela que lhe ajudaria a cuidar dos afazeres domésticos e dos trabalhos na agricultura (Amoo:1946). A poligamia neste contexto era aceita, senão encorajada, principalmente para os ricos e poderosos, pois era sinônimo de status na sociedade ter muitas férteis e muitos filhos homens para ajudar no trabalho da lavoura. Isto não se aplica aqui, a poligamia neste contexto urbano serve para facilitar o casamento de um casal apaixonado. E a partir de uma ingênua história de amor Aidoo traz à tona as incongruências desta sociedade que passa por mudanças, reinventado costumes e tradições.

De qualquer forma, a intenção de Aidoo é trazer para sua narrativa a subjetividade destas mulheres que devem ter direito a fazer escolhas. Elas devem escolher entre a monogamia, poligamia, ou se querem ser mães ou não. Aidoo liberta suas personagens das barreiras e entraves que permeiam as vidas destas mulheres neste contexto pós-colonial.

Referências Bibliográficas

[Ach76] Achebe, Chinua. *Things Fall Apart.* London:Heineman,1976.

[Ach93] Achebe, Chinua. *The African Writer and the English Language.* In Colonial discourse and Postcolonial Theory. A Reader. Edited by Patrick Williams and Laura Chrisman. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf,1993.

[Ach97] Achebe, Chinua. *An Image of Africa: Racism in Conrad's* Heart of Darkness . In Postcolonial Criticism. Edited by Bart Moore-Gilbert, Gareth Stanton and Willy Malley. Essex:Addison Wesley Longman, 1997.

[Ahm93] Ahmad, Aijaz. *Orientalism and After.* In Colonial discourse and Postcolonial Theory. A Reader. Edited by Patrick Williams and Laura Chrisman. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf,1993.

[Ahm94] Ahmad, Aijaz. *In Theory: Classes, Nations and Literatures*. London: Verso, 1994.

[Ahm97] Ahmad, Aijaz. *The Politics of Literary Postcoloniality*. In Contemporary Postcolonial Theory. A Reader. Edited by Padmini Mongia. London and New York: Arnold and Oxford,1997.

[Aid70] Aidoo, Ama Ata. *No Sweetness Here*. NY: The Feminist Press, 1970.

[Aid91] Aidoo, Ama Ata. *Changes. A Love Story*. London: The Women's Press, 1991.

[Aid98] Aidoo, Ama Ata. *The African Woman Today. Sisterhood, Feminisms and Power: From Africa to the Diaspora*. Ed.Obioma Nnaemeka, Trenton, N.J: Africa World Press, 1998.

[Aid99] Aidoo, Ama Ata. *Unwelcome Pals and Decorative Slaves or Glimpses of Women as Writers and Characters in Contemporary African Literature. In In: Emerging Perspectives on Ama Ata Aidoo*. Edited by Ada Uzoamaka Azodo e Gay Willentz. Trenton: African World Press, 1999.

[Ari97] Arif, Dirlik. *The Postcolonial Aura: Third World Criticism in the Age of Global Capitalism*. In Contemporary Postcolonial Theory. A

Reader. Edited by Padmini Mongia. London and New York: Arnold and Oxford,1997.

[Ale00] Alessandrini, Anthony C.. *Humanism in Question: Fanon and Said*. In A Companion to Postcolonial Studies. Edited by Henry Schwarz and Sangeeta Ray.Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

[Ash89] Ashcroft, B., Griffiths, G. and Tiffin, H. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-colonial Literatures*. London: Routledge, 1989.

[Ash00] Ashcroft, B., Griffiths, G. and Tiffin, H. *Post-Colonial Studies. The Key Concepts*. London: Routledge, 2000.

[Azi93] Azim, Firdous. *The Colonial Rise of the Novel*. London: Routledge, 1993.

[Azo99] Azodo,Uzoamaka Ada. *The Multifaceted Aidoo:Ideologue, Scholar, Writer and Woman.In: Emerging Perspectives on Ama Ata Aidoo*. Edited by Ada Uzoamaka Azodo e Gay Willentz. Trenton: African World Press, 1999.

[Bel01] Belasteguiogoitia, Marisa. *Descarados e Deslenguados. El Cuerpo y La Lengua India en los Umbrales de la Nación*. Debate Feminista. Ao 12, Volume 24, 2001.

[Bha94] Bhabha, Homi K. *The Location of Culture*. London and New York: Routledge, 1994.

[Boe95] Boehmer, Elleke. *Colonial and Postcolonial Literature*. Oxford and New York: Oxford University Press, 1995.

[Bre93] Brewer, Rose. *Theorizing Race, Class and Gender. In Theorizing Black Feminisms: The Visionary Pragmatism of Black Women*. Edited by M. James Stanley e Abena p. A. Busia. London and New York, Routledge, 1993.

[Bro81] Brown. Lloyd. *Women Writers in Black Africa*. Westport: Greenwood Press, 1981.

[Bua81] Buah. F. K. *A History of Ghana.* London/Basingstoke: Macmillan, 1980.

[Bry93] Brydon Diana and Tiffin Helen. *Decolonising Fictions*. Sydney: Dangaroo Press, 1993.

[Ces97] Cesaire, Aimee. *From Discourse on Colonialism*. In Postcolonial Criticism. Edited by Bart Moore-Gilbert, Gareth Stanton and Willy Malley. Essex:Addison Wesley Longman, 1997.

[Col90] Collins, Patricia Hill. *Black feminist Thought: Knowledge, Consciousness and The Politics of Empowerment.* New York: Routledge, 1990.

[Com97] Comaroff, Jean and Comaroff, John. *Africa Observed: Discourses of the Imperial Imagination.* In Perspectives on Africa: A Reader in Culture, History, and Representation. Edited by Roy Richard Grinker and Christopher B. Steiner. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

[Coo00] Cooppan, Vilashini. *W(h)ither Post-colonial studies? Towards the transnational study of race and nation.* In Postcolonial theory and criticism. Edited by Laura Chrishman and Benita Parry. Cambridge: D.S. Brewer,2000.

[Coo03] Cooper, Fredrick. *Conflict and Connection: Rethinking Colonial African History.* In The Decolonization Reader. Edited by James D. Le Sueur. UK, USA and Canada: Routledge, 2003.

[Dav86] Davies, Carole Boyce and Anne Adams Graves. "Introduction: Feminist Consciousness and African Literary Criticism,In *Ngambika: Studies of Women in African Literature.* Trenton, N.J: Africa University Press, 1986.

[Dav93] Davies, Carole Boyce and Elaine Savory Fido. "African Woman Writers: Toward a Literary History". *A History of Twentieth-Century African Literatures*. Ed. Oyekan Owomoyela. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1993.

[Dav94] Davies, Carole Boyce. *Black Women, Writing and Identity: Migrations of the Subject*. London and New York: Routledge,1994.

[Del01] Delacastagne, Regina. *Da Senzala ao Cortiço*. In Revista Brasileira de História. São Paulo, Número 42, 2001

[Des00] Desai, Gurav. *Rethinking English: Postcolonial English Studies*. In A Companion to Postcolonial Studies. Edited by Henry Schwarz and Sangeeta Ray.Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

[Dia92] Dias, Maria Odila L. S. Teoria e Método dos Estudos Feministas: Perspectiva Histórica e Hermenêutica do Cotidiano. In: *Uma Questão de Gênero* Ed. Albertina de Oliveira Costa e Cristina Bruschini. São Paulo:Fundação Carlos Chagas, 1992.

[Eag03] Eagleton, Terry. *Teoria da Literatura.Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

[Ege97] Egejuru, Phanuel Akubueze. "The Paradox of Womanbeing and The Female Principle in Igbo Cosmology". Womanbeing and

African Literature. Eds. Phanuel A. Egejuru and Ketu H. Katrak. Trenton, N.J.: African World Press, 1997.

[Gil85] Gilman, Sander. *Black Bodies, White Bodies.Toward An Iconography of Female Iconography of Female Sexuality in a Late Nineteenth-Century Art, Medicine, And Literature.* Critical Inquiry 12 Autumn 1985 204-242.

[Fan86] Fanon,Frantz. *Black Skins, White Masks.* London, Pluto Press, 1986

[Fan67] Fanon,Frantz. *The Wretched of the Earth.* London, Pluto Press, 1967

[Fri03] Frias,Maria. *An Interview with Ama Ata Aidoo.* In Revista Alicantina de Estudos Ingleses. Número 16, 2003, 317-335.

[Gil96] Gilroy, Paul. *Route Work: the black Atlantic and the politics of exile.* In The Post-colonial question. Common Skies/Divided Horizons. Edited by Iain Chambers and Lidia Curti. London: Routledge,1996.

[Gol00] Goldberg, David Theo. *Heterogeneity and Hibridity: Colonial Legacy, Postcolonial Heresy.* In A Companion to Postcolonial Studies. Edited by Henry Schwarz and Sangeeta Ray.Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

[Gri89] Griffths, Gareth and Moody, David. *Of Marx and Missionaries: Soyinka and the survival of Universalism in Post-colonial Literary Theory.* In After Europe. Edited by Stephen Slemon and Helen Tiffin. Sydney: Dangoroo Press,1989.

[Grn97] Grinker, Richard. Roy., Steiner, B. Christopher.(eds) *Perspectives on Africa: A Reader in Culture, History, and Representation.* Oxford: Blackwell, 1997.

[Hal97] Hall, Stuart. *Cultural Identity and Diaspora.* In Contemporary Postcolonial Theory. A Reader. Edited by Padmini Mongia. London and New York: Arnold and Oxford,1997.

[Hal96] Hall, Stuart. *When was the "post-colonial"? Thinking at the limit.* In The Post-colonial question. Common skies/Divided Horizons. Edited by Iain Chambers and Lidia Curti. London: Routledge,1996.

[Hal96] Hall, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade.* Rio de Janeiro:DPA, 2003

[Har93] Harding, Sandra. A Instabilidade das Categorias Analíticas na Teoria Feminista. In *Revista de Estudos feministas.*Rio de Janeiro Número 7 1993 p.7-31

[Har93] HARRAWAY, DONNA. O Humano numa paisagem pós-humanista. Trad.Marcos Santarrita. *Revista de Estudos Feministas*. Número 2 1993

[Inn91] INNES, C L. "Mothers or Sisters? Identity, Discourse and Audience in the Writing of Ama Ata Aidoo and Mariama Ba". *Motherlands, Black Women's Writing from Africa, the Caribbean and South Asia*. Ed. Susheila Nasta. London: Women's Press, 1991.

[Hoo82] HOOKS, BELL. *Ain't I a Woman, Black Women and Feminism*. London: Pluto Press, 1982.

[Ire77] IRELE, ABIOLA. *Selected Poems of Leopold Sedar Senghor*. Cambridge: Cambridge University Press,1977

[Jam86] JAMES, ADEOLA. *In Their Own Words. African Women Writers Talk*. London: Heinemann, 1986.

[Jey97] JEYIFO, BIODUN. *The Nature of Things: Arrested Decolonization and Critical Theory*. In Contemporary Postcolonial Theory. A Reader. Edited by Padmini Mongia. London and New York: Arnold and Oxford,1997.

[Jey89] JEYIFO, BIODUN. *On Eurocentric Critical Theory: Some paradigms from the texts and sub-texts of post-colonial writing*. In After Eu-

rope. Edited by Stephen Slemon and Helen Tiffin. Sydney: Dangoroo Press,1989.

[Kan98] Kanneh, Kadiatu. *African Identities. Race, Nation and Culture in Ethnography, Pan-Africanism and Black Literatures.* London and new York: Routledge, 1998.

[Ken03] Kennedy, Dane. *Imperial History and Post-Colonial Theory.* In The Decolonization Reader. Edited by James D. Le Sueur. UK, USA and Canada: Routledge, 2003.

[Kwa97] Kwame, A. Appiah. *Is the Post- in Postmodernism the Post- in Postcolonial?* . In Contemporary Postcolonial Theory. A Reader. Edited by Padmini Mongia. London and New York: Arnold and Oxford,1997.

[Lar00] Larsen, Neil. *Imperialism, Colonialism, Postcolonialism.* In A Companion to Postcolonial Studies. Edited by Henry Schwarz and Sangeeta Ray.Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

[Laz99] Lazarus, Neil. *Nationalism and Cultural Practice in the Postcolonial World.* Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1999.

[McC93] McClintock, Anne. *The Angel of Progress: Pitfalls of the term* Post-Colonialism. In Colonial discourse and Postcolonial Theory. A Reader. Edited by Patrick Williams and Laura Chrisman. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf,1993.

[Mil71] Millet, Kate. *Sexual Politics*. Great Britain: Rupert Hart-Davis Limited, 1971

[Mos00] Moss, Joyce and Valestuk, Lorraine. *World Literature and Its Times*. Profiles of Notable Works and the Historical Events that Influenced Them. African Literature and its Times. Volume 2. New York/ London: Gale Group, 2000.

[Muk89] Mukherjee, Meenakshi. *The Centre Cannot Hold: Two Views of Periphery*. In After Europe. Edited by Stephen Slemon and Helen Tiffin. Sydney: Dangoroo Press,1989.

[Ngu93] Ngugi Wa Thiog'o. *Writing Against Colonialism*. Wembley: Vita Books, 1986.

[Ngu93] Ngugi Wa Thiog'o. *The Language of African literature*. In Colonial Discourse and Postcolonial Theory. A Reader. Edited by Patrick Williams and Laura Chrisman. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf,1993.

[Ngu97] Ngugi Wa Thiong'o. *Detained: A Writer's Prison Diary.* In Perspectives on Africa: A Reader in Culture, History, and Representation. Edited by Roy Richard Grinker and Christopher B. Steiner. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

[Ogu93] Ogundipe-Leslie, Molara. African Women, Culture And Another Development. In *Theorizing Black Feminisms: The Visionary Pragmatism of Black Women.* Edited by M. James Stanley e Abena p. A. Busia. London and New York, Routledge, 1993.

[Ola00] Olaniyan, Tejumola. *Africa: Varied Colonial Legacies.* In A Companion to Postcolonial Studies. Edited by Henry Schwarz and Sangeeta Ray.Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

[Par97] Parry, Benita. *Resistance Theory/Theorizing Resistance, or two Cheers for Nativism.* In Contemporary Postcolonial Theory. A Reader. Edited by Padmini Mongia. London and New York: Arnold and Oxford,1997.

[Pea00] Pease, Donald E. *US Imperialism: Global Dominance without Colonies.* In A Companion to Postcolonial Studies. Edited by Henry Schwarz and Sangeeta Ray.Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

[Por93] PORTER, DENNIS. *Orientalism and its Problems.* In Colonial Discourse and Postcolonial Theory. A Reader. Edited by Patrick Williams and Laura Chrisman. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf,1993.

[Pre00] PREMNATH, GAUTAM. *Remembering Fanon, Decolonizing Diaspora.* In Postcolonial theory and criticism. Edited by Laura Chrishman and Benita Parry. Cambridge: D.S. Brewer,2000.

[Pur04] PURI, SHALINI. *The Caribbean Postcolonial. Social Equality, Post-Nationalism, and Cultural Hybridity.* New York: Palgrave Macmillan, 2004.

[Qua00] QUAYSON, ATO. *Postcolonialism: Theory, Practice or Process?* . Cambridge: Polity Press, 2000.

[Rea97] READER, JOHN. *Africa. A Biography of the Continent.* London: Peguin Books, 1997.

[Rod97] RODNEY, WALTER. *How Europe Underdeveloped Africa.* In Perspectives on Africa: A Reader in Culture, History, and Representation. Edited by Roy Richard Grinker and Christopher B. Steiner. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

[Sai97] Said, Edward. *From Orientalism*. In Contemporary Postcolonial Theory. A Reader. Edited by Padmini Mongia. London and New York: Arnold and Oxford,1997.

[Sen97] Senghor, Leopold Sedar. *Negritude: A Humanism of the Twentieth Century*. In Perspectives on Africa: A Reader in Culture, History, and Representation. Edited by Roy Richard Grinker and Christopher B. Steiner. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

[Sho97] Shohat, Ella. *Notes on Postcolonial*. In Contemporary Postcolonial Theory. A Reader. Edited by Padmini Mongia. London and New York: Arnold and Oxford,1997.

[Spu93] Spurr, David. *The Rhetoric of Empire. Colonial Discourse in Journalism, Travel Writing and Imperial Administration*. Durham and London: Duke University Press, 1993.

[Ste97] Stephen, Slemon. *Unsettling the Empire: Resistance Theory for the Second World*. In Contemporary Postcolonial Theory. A Reader. Edited by Padmini Mongia. London and New York: Arnold and Oxford,1997.

[Str94] Stratton, Florence. *Contemporary African Literature and The Politics of Gender*. London/New York: Routledge, 1994

[Str99] Strong-Leek, Linda. "No Sweetness Here and Deconstructive Theory"In: *Emerging Perspectives on Ama Ata Aidoo*. Eds. Ada Uzoamaka Azodo and Gay Willentz. Trenton, N.J: 1999

[Ume86] Umeh, Marie Linton. Reintegration with the Lost Self: A Study of Buchi Emecheta's Double Yoke. In *Ngambika: Studies of Women in African Literature*. Trenton: African World Press, 1986.

[You01] Young, J. C. Robert. *Postcolonialism. An Historical Introduction*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

[You90] Young, J.C. Robert. *White Mythologies. Writing History and the West*. USA and Canada: Routledge,1990.

[Wal84] Walker, Alice. *In Searh of Our Mother's Gardens. Womanist Prose*. London: Woman Press, 1984.

[Wil99] Willentz, Gay. "African Woman's Domain: Demarcating Political Space in Nwapa, Sutherland and Aidoo"In: *Emerging Perspectives on Ama Ata Aidoo*. Eds. Ada Uzoamaka Azodo and Gay Willentz. Trenton, N.J:1999

[Whi92] White, Hayden. *Meta-História: A Imaginação Histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1992.

[Whi01] White, Hayden. *Trópicos do Discurso. Ensaios sobre a Crítica da Cultura*. São Paulo:Edusp, 2001.